

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA



Trabalho de Conclusão de Curso

**Inclusão e exclusão comunitária no Museu da Colônia Francesa: um
estudo de caso**

Eliana Menezes de Souza

Pelotas, 2015

ELIANA MENEZES DE SOUZA

Inclusão e exclusão comunitária no Museu da Colônia Francesa: um estudo de caso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Dra. Carla Gastaud

Pelotas, 2015

ELIANA MENEZES DE SOUZA

Inclusão e exclusão comunitária no Museu da Colônia Francesa: um estudo de caso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Museologia, Instituto de Ciências Humanas, Curso de Bacharelado em Museologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

Banca Examinadora:

.....
Profa. Dra. Carla Gastaud (Orientador) - UFPEL

.....
Profa. Dra. Louise Alfonso - UFPEL

DEDICATÓRIA

**Dedico essa monografia à memória de meu pai
José dos Santos Souza.**

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha orientadora, Prof. Dra. Carla Gastaud, que acreditou no meu trabalho, sempre estimulando e me dando apoio durante os quatro anos de curso. Muito obrigada pelos ensinamentos nessa caminhada.

Agradeço à extraordinária Prof. Dra. Louise Alfonso por todo o incentivo e confiança. Pessoa admirável.

Professora Claudia Turra, uma mestra formidável, a senhora marcou profundamente a minha trajetória acadêmica com sua sabedoria e humildade. Professor Miranda, o senhor também é muito especial.

Um agradecimento especial ao professor Diego Lemos Ribeiro que, em suas aulas, fez com que eu me apaixonasse cada dia mais pela Museologia, e aos demais professores do curso também. Obrigada a cada um de vocês que nos passaram seus conhecimentos em sala de aula.

Agradeço, também, ao professor Pedro Sanches pela oportunidade de fazer parte da equipe MUARAN, uma equipe formidável e humana.

Não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas, que posso considerar como amigos, que me apoiaram e me incentivaram ao longo do curso, obrigada Tatiana Caetano Rocha, Sheila Fleming e Leandro Ramos Betemps.

Agradeço, também, a todas as colegas da Escola Adayl Bento Costa, inclusive a ex-diretora Andréa Muller, que foi quem mais me incentivou nesses quatro anos.

Quero agradecer a comunidade da Vila Nova e a equipe do Museu da Colônia Francesa, onde por três anos coloquei em prática o aprendizado de sala de aula.

Quero de coração agradecer a minha mãe Diva Menezes de Souza, ao meu filho Quiésler Souza de Souza e ao meu neto Rodrigo Silva de Souza, pois juntos seguramos todas as barras e assim conseguimos vencer todos os obstáculos impostos pela vida.

Para finalizar vou agradecer a todos que acreditaram no meu sonho, e que de uma maneira ou de outra estiveram torcendo por mim. Obrigada a todos vocês.

RESUMO

SOUZA, Eliana Menezes de. **Inclusão e exclusão comunitária no Museu da Colônia francesa: um estudo de caso** 75 f. Monografia (Graduação) – Instituto de Ciências Humanas, Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação do Museu da Colônia Francesa com a comunidade local e imediações, desde a sua abertura até os dias atuais. Neste sentido, através de informações coletadas, segundo a metodologia da história oral, procuramos identificar as razões dos conflitos entre grupos internos e externos da comunidade, tendo em vista a origem francesa de alguns e a miscigenação étnica de outros. A disputa dos moradores daquela localidade, pela instituição, faz com que grande parte da comunidade se sinta excluída, já que o nome atribuído ao museu limita apenas a etnia francesa. Assim, o que leva os moradores daquela localidade a se sentirem excluídos – ou não – daquele museu?

Palavras-Chave: Museu da Colônia Francesa, Museu e Comunidade, Inclusão e exclusão comunitária no Museu.

RÉSUMÉ

Cette étude vise à analyser le Musée de la Colonie Française et sa relation avec la communauté local et de ses environs, dès de son ouverture à nos jours. En ce sens, grâce à des informations recueillis selon la méthodologie de l'histoire orale, on avait chercher identifier les raisons de conflits entre les groupes internes et externes en vie de l'origine française des uns, et des autres ethniquement mixtes. Dès que le nom donné au Musée seul mentionne la ethnie française, il y a un conflit des habitants de cette localité, qui fait que beaucoup des gens se sentent exclus. Qu'est ce que conduit les habitants de cette localité de se sentir exclus – ou non – du Musée ?

Mots-Clés: Musée de la Colonie Française, Musée et la Communauté, Inclusion et Exclusion Communautaire dans le Musée.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. MUSEU, UM LUGAR DE CONFLITO	14
1.1 MUSEU, UM LUGAR DE INCLUSÃO.....	20
2.O MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA	25
2.1HISTÓRICO DO MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA	25
2.2 PESQUISAS SOBRE E O MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA	29
2.3 O PAPEL DA UNIVERSIDADE.....	34
2.4 O MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA E AS AÇÕES EDUCATIVAS	36
2.5 A DIVERSIDADE CULTURAL DA REGIÃO	37
3. MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA E AS NOVAS POSSIBILIDADES.....	41
3.1 PRIMEIRAS AÇÕES VOLTADAS À INCLUSÃO DE DIFERENTES GRUPOS NO MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA	41
3.1.1 EXPOSIÇÃO SOBRE O ALTO DO CAIXÃO: PATRIMÔNIO CULTURAL QUILOMBOLA.	41
3.1.2 ATIVIDADES DO DIA DO PATRIMÔNIO	44
3.1.3 SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA	48
3.2 NOVAS PERSPECTIVAS NO MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA.....	49
3.2.1 METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL.....	49
3.2.2 UMA NOVA EXPOSIÇÃO PARA O MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICES.....	61

INTRODUÇÃO

Os Museus são instituições que coletam, documentam, preservam, exibem e interpretam evidências materiais e imateriais, bem como, informações e narrativas, para propiciar reflexões e um diálogo com o público. Muitas vezes, estas interpretações, informações e narrativas podem não representar diferentes grupos. Assim, além de espaços de memória, os Museus são espaços de disputas dentro das próprias comunidades. Neste sentido, os museus se configuram como espaços de conflito.

A partir desta constatação, o presente trabalho busca identificar diferentes relações e apropriações da comunidade, do sétimo distrito de Pelotas do Museu da Colônia Francesa, evidenciando disputas e narrativas de exclusão por parte dos diversos grupos formadores do distrito.

Esta pesquisa tem como metodologia a história oral, utilizada para o levantamento de narrativas e evocação de memórias, através do diálogo com os moradores da localidade. São estas diversas narrativas que possibilitam a discussão de estratégias de aproximação e inclusão de diferentes grupos do Museu da Colônia Francesa. Grupos estes, que sentem-se excluídos do nome da instituição e de seu discurso expográfico desde a sua fundação.

Deste modo, serão avaliados os obstáculos que interferem na relação entre o Museu e a comunidade rural, onde o museu está inserido. Indicando possíveis caminhos que possam contribuir para uma transformação desta relação e possibilitar um maior diálogo entre os diferentes grupos pesquisados. Assim sendo, a pesquisa visa observar diversos grupos étnicos que compõe a comunidade, buscando entender as relações entre eles e suas relações com o museu, desvelando os conflitos existentes.

O Museu da Colônia Francesa surgiu do desejo de um pequeno grupo da comunidade do distrito e, mesmo este grupo, mostra-se dividido quanto à sua representatividade dentro da instituição. A representatividade apenas de uma parcela da população do entorno gera um afastamento dos outros grupos integrantes da comunidade.

Segundo Hugues de Varine, a relação entre museu e comunidade deve se dar da seguinte forma:

Em primeiro lugar, a comunidade, como um todo, deve reconhecer-se plenamente em seu museu; em segundo lugar, ela deve fazer uso dele, como instrumento de seu próprio desenvolvimento; em terceiro lugar; ela deve controlá-lo permanentemente. (VARINE, 1986, p. 37).

Assim, este pensamento reflete a necessidade de transformação da relação estabelecida com os moradores do distrito.

Para atingir os objetivos deste trabalho foram privilegiadas as lembranças, as memórias e os relatos registrados, através da História Oral, de representantes de vários grupos étnicos que compõe a comunidade da Colônia Francesa em Pelotas.

O fio condutor deste trabalho são as narrativas coletadas a respeito das razões das disputas e conflitos entre a comunidade e a instituição, ressaltando a forma como os moradores compreendem o Museu da Colônia Francesa. No entanto, ainda se fez necessária uma revisão bibliográfica e um levantamento de dados das pesquisas realizadas ao longo da história do Museu, feitas por diferentes autores.

Na condição de voluntária, por um ano, e de bolsista há dois anos do projeto de extensão do Museu da Colônia Francesa, pelo curso de Bacharelado em Museologia, posso dizer que a experiência que adquiri estreitou a minha relação com os moradores da comunidade e arredores, o que favoreceu a presente monografia. Estes três anos de trabalho, no Museu da Colônia Francesa, me permitem incluir neste texto, dados que foram coletados ao longo deste período, iniciado em agosto de 2012, junto com a bolsista Sheila Fleming.

Esta monografia está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo parte do conceito de museu como um lugar de inclusão social, no âmbito das discussões sobre as novas perspectivas da museologia. Partindo deste pressuposto, buscamos entender a relação social dos museus e as transformações nas comunidades que são geradoras de atos de disputas e conflitos.

O segundo capítulo apresenta o objeto de estudo deste trabalho, traz o histórico do Museu da Colônia Francesa, bem como, as diferentes pesquisas de autores que se dedicaram à produção sobre a instituição, dando relevância à grande diversidade cultural daquela localidade. O capítulo apresenta os resultados de uma pesquisa bibliográfica e de entrevistas realizadas no decorrer desta pesquisa.

Por fim, o terceiro capítulo tem como objetivo caracterizar o Museu da Colônia Francesa como um museu para muitos grupos. Nesta seção, buscamos trazer as primeiras ações de inclusão social já realizadas, como por exemplo, a exposição sobre o passado do Alto do Caixão, as atividades desenvolvidas no âmbito do Dia do Patrimônio e as comemorações da Semana da Consciência Negra, todas desenvolvidas no ano de 2014.

Com estas considerações, procuramos expor quais as novas perspectivas para o museu em questão, trazendo outras propostas expositivas e, com o uso da metodologia da História Oral, buscando identificar processos de inclusão e exclusão da comunidade do entorno do museu.

Desta forma, almejamos trazer um novo olhar, onde o museu se permita mudar, construindo um discurso expositivo, que integre a comunidade que não partilha dos mesmos códigos conceituais.

A análise foi feita com base nas bibliografias produzidas sobre o objeto de estudo – Museu da Colônia Francesa- e através da análise das entrevistas com os membros da comunidade em questão, que não se reconhecem nesse espaço de memória.

Abordar a inclusão social cultural de um museu, não é um tema fácil e exige uma reflexão que possibilite apontar novos caminhos. Alternativas que façam uso de ações museológicas dentro da instituição, buscando o reconhecimento da sua pluralidade e diversidade, permitindo uma aceitação entre ambos e amenizando possíveis conflitos.

O museu pode e deve ser um instrumento de inclusão social, através da inclusão cultural, dialogando e trocando um novo olhar com a comunidade. Proporcionando, assim, experiências que fortaleçam a autoestima desses

grupos. A exemplo do que nos relata dona Daisy Dias da Silva¹, sobre o sentimento de realização que esses momentos proporcionam a ela:

A pessoa se sente com a autoestima elevada, é muito bom, eu sei porque eu já dei muitas oficinas, em vários lugares, que tinha pra ir, sempre que dava eu ia... eu fiz várias oficinas na época que a associação começou com a assistência do CAPTA²... eles formaram uma revista das oficinas e era tão bom a gente se vê ali na oficina fazendo alguma coisa, que estava se perdendo... (SILVA, Daisy Dias. 17/05/15)

Pessoas com grande conhecimento, que podem passar às novas gerações, são especiais, pois dominam técnicas e modos de fazer que estão se perdendo com o passar do tempo. Nesta perspectiva, surge a museologia social, com intuito de adequar as estruturas museológicas às necessidades da sociedade contemporânea.

Neste sentido, o museu pode abarcar as influências que esses grupos de descendentes trouxeram para a colônia. A fim de enriquecer sua expografia, de acordo com os preceitos de cada grupo, dando origem a diversas formas de transmissão de conhecimento.

Segundo Alfonso (2012), o conceito social se faz importante para esses grupos, não apenas como agentes sociais, mas também por suas diferentes práticas, de modos de vida e pertencimento identitário. (Alfonso, p.68) Na relação entre a comunidade do Sétimo distrito de Pelotas e o Museu da Colônia Francesa existe um palco de representação parcial de memória por meio dos objetos que lá estão expostos. Por isso, parte da comunidade não se identifica com a expografia, gerando assim uma espécie de conflito e disputa de espaço.

^{1*}Entrevista com a senhora Daisy Dias da Silva do Núcleo Alto do Caixão, realizada no dia 17 de maio de 2015.

² CAPTA - centro de apoio, pesquisa e tecnologias para a aprendizagem.

1. MUSEU, UM LUGAR DE CONFLITO

Museu, segundo o ICOM, é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais dos povos e de seu ambiente³.

O museu surge na história da humanidade devido à necessidade do homem de selecionar e preservar fatos, objetos, costumes, modos de fazer e conhecimentos produzidos pela comunidade. No decorrer do tempo, o ser humano passou a selecionar o que considerava mais importante e significativo para cada tempo e contexto. E, pesquisando sobre esses elementos, usou-os como ferramentas educativas e para a produção de conhecimento.

Segundo Regina Abreu, o colecionismo é universal, pois em todas as culturas as pessoas colecionam coisas, individualmente ou coletivamente. Assim, para ela:

O ato de colecionar pode ser mesmo pensado como uma operação mental necessária à vida em sociedade, expressando modos de organização, hierarquização de valores, estabelecimento de territórios subjetivos e afetivos. Colecionar, neste sentido, significa estabelecer ordens, prioridades, inclusões, exclusões e está intimamente associado à dinâmica da lembrança e do esquecimento, sem a qual os indivíduos não podem mover-se no espaço social (ABREU, p.103, 2005).

No início do século XIX, o Iluminismo combate o autoritarismo e os museus crescem, tanto para abrigar as coleções de ciências naturais, como para mostrar as mudanças da sociedade e exibições de conquistas. Nestes museus predominava o caráter enciclopédico das pesquisas sob a hegemonia das Ciências Naturais e os novos pesquisadores eram, em grande parte, naturalistas.

³ (<http://www.museus.gov.br/>)

No Brasil o hábito de colecionar vestígios de diferentes povos iniciou “como uma prática ligada à Antropologia física com a proliferação de coleta de ossos humanos entre os nativos” (ABREU, 2007, p.6). Uma nova história dos Museus se inicia com a fundação do Museu Nacional, do Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e do Museu Paulista (1894). Para Letícia Julião, (1995, p. 22) a criação do Museu Nacional rompe com o modelo enciclopédico e a partir daí se volta para a história, para a pátria e para a nacionalidade. Esse modelo deu origem ao nascimento de muitos outros museus no Brasil comprometidos essencialmente com a memória nacional e privilegiando a elite.

Com o surgimento do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937, a identidade brasileira passou a ser ressignificada, começando a surgir, então, os conflitos de diversidade cultural, que marcaram um novo olhar para os museus. Sendo assim, um grupo social seleciona lembranças e hábitos que deseja preservar no seu meio, e o museu tem o dever de abrir suas portas para essas representações, interagindo com esses grupos sociais.

Para Candido (2007, p.34), o museu deixou de ser contemplativo, e passou a inovar com novas práticas, a partir das discussões da Nova Museologia. De acordo com a autora, a Nova Museologia fez surgir novos modelos de museus interdisciplinares que passaram a repensar seu papel social deixando de lado o preservacionismo, abrindo suas portas para o novo.

Esta nova abordagem ocorreu a partir da chamada crise de identidade nos museus tradicionais, aqueles que eram pautados no colecionismo. Ela trouxe a necessidade de desencadear novos processos de musealização. Isso gerou um novo conceito institucional, tornando necessário que o museu conhecesse seu público e buscasse novas formas de se dirigir a ele:

Derivam disso transformações necessárias como a aproximação, desde as seleções de acervos até suas interpretações, do interesse e das condições de compreensão dos públicos; e, por outro lado, as interpretações substituindo os entesouramentos. O museu seria necessariamente um intermediário, um locus onde as contribuições culturais das minorias devem ser expostas e compreendidas (CÂNDIDO p.5, 2007).

Com isso, os museus passam a ser pensados como espaço de representação de fatos do presente, como almeja a sociedade. A respeito disso, Chagas diz o seguinte:

Toda museologia e todo museu existem em sociedade ou numa determinada sociedade, mas quando falamos em museu social e museologia social, estamos nos referindo a compromissos éticos, especialmente no que diz respeito às suas dimensões científicas, políticas e poéticas; estamos afirmando, radicalmente, a diferença entre uma museologia de ancoragem conservadora, burguesa, neoliberal, capitalista e uma museologia de perspectiva libertária; estamos reconhecendo que durante muito tempo, pelo menos desde a primeira metade do século XIX até a primeira metade do século XX, predominou no mundo ocidental uma prática de memória, patrimônio e museu inteiramente comprometida com a defesa dos valores das aristocracias, das oligarquias, das classes e religiões dominantes e dominadoras (CHAGAS, p.17 Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41 - Museologia Social).

Para Chagas, a museologia social não ignora a museologia, mas compreende a existência de novas práticas, novos caminhos e a inclusão de outros grupos geradores de cultura.

A museologia social, na perspectiva aqui apresentada, está comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais, incluindo aí, o movimento LGBT, o MST e outros. Seria possível dizer que toda museologia é social, se toda museologia, sem distinção, estivesse comprometida do ponto de vista teórico e prático com as questões aqui apresentadas; mas isso não acontece, não é verdade e sobre esse ponto não devemos e não podemos ter ingenuidade. (CHAGAS, p.17. Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41 - Museologia Social).

As novas práticas museológicas vieram mudando o cenário da museologia mundial, com a proposta de um trabalho inovador. A Declaração de Santiago do Chile, em 1972, faz referência a políticas de inclusão social na América com o nascimento de uma nova museologia. Já a Declaração de Quebec, de 1984, onde foi criado o MINOM, Movimento Internacional da Nova

Museologia, mostra que há um reconhecimento pela museologia do direito à diferença. Assim, esta nova proposta museológica surgiu a partir de diálogos com diversos debates, dentre eles o de inclusão social, que ganhou força no final do século XX, deixando de se relacionar apenas com a economia e voltando-se para outros aspectos como territórios, etnias, migração e cidadania.

Neste ponto vista, segundo Alfonso, a valorização da diversidade cultural vai ao encontro da inclusão de diferentes grupos sociais, fazendo assim uma reflexão sobre o processo de transformação da sociedade (2012, p. 31). Para a autora, as instituições culturais devem valorizar a diversidade, buscando a inclusão de diferentes grupos sociais e favorecendo uma reflexão crítica sobre um mundo onde (com) vivem diferentes vozes (2012, p.31).

Porém, mudanças não acontecem de um dia para outro, elas vão acontecendo de maneira gradativa na sociedade e se refletindo no interior das instituições como UNESCO e ICOM. De acordo com o Seminário Regional da UNESCO – sobre a Função Educativa dos Museus no Rio de Janeiro em 1958 e a respeito da Mesa Redonda de Santiago em 1972 –, os museus são espaços educativos a serviço do homem e, assim vêm transformando suas visitas guiadas em instrumentos de aprendizagem e conhecimento. Essas mudanças são ocasionadas pelo modo de pensar da sociedade, movimentos sociais e a luta pelo direitos das minorias. Por isso, os museus passam a incorporar questões de vida cotidiana, desenvolvem atividades para um público diversificado, buscam um novo modelo de instituição, ou seja, deixam de ser um espaço passivo para se tornarem espaços ativos. Neste momento, os museus passam a pontuar os problemas e as contradições da sociedade, procurando representar a todos os integrantes da comunidade para juntos produzirem um trabalho inovador.

Na Carta de Santiago do Chile (1972), são expostos os princípios de base do museu integral e de educação permanente. Considerando que os museus podem e devem desempenhar papel decisivo na educação da comunidade:

[...] que o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estruturas em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais (Carta de Santiago do Chile, 30 de maio de 1972).

A Declaração de Quebec, em 1984, fala do movimento da nova museologia, dos museus de coleções aos museus de temas. O essencial da nova museologia é a interdisciplinaridade, abrindo novas reflexões, o povo passa de utilizador a criador e de uma ideia de trabalho coletivo em que a exposição museológica deixa de ser objeto de contemplação e passa a ter um caráter de formação permanente. (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1984, p. 27)

A declaração de Caracas em 92, fala da carta positivista: métodos de ação junto à comunidade, 20 anos depois de Santiago os museus procuram descobrir se espaço onde estão inseridos, a grande novidade é o museu integral, integrando a vida de uma comunidade, um meio de comunicação, onde a comunidade propriamente dita, se reconhece servindo de instrumento de diálogo da sua força social (HORTA, 1992, p. 34).

Deste modo, os museus passam a ser ressignificados, sendo pensados a partir de experiências vividas, de maneira criativa, sendo capazes de despertar o interesse de novos públicos.

Em artigo publicado na revista de Sociomuseologia, nº 18, 2002, p. 100, Maria Célia Teixeira de Moura Santos relata que os museus deixam de atuar como coletores passivos para se tornarem participativos. A partir daí, podemos fazer uma reflexão acerca dos museus, buscando interação com o meio, ou seja, com a comunidade onde estão inseridos, abordando assim, os problemas da vida cotidiana e fazendo com que esta comunidade se torne parte integrante e participativa dessa instituição.

A ideia é de um museu que atraia os olhares da comunidade, despertando o interesse da mesma, para que ela venha a interagir junto com a instituição. Para então, trilhar novos rumos que sejam do interesse de ambas as partes, unificando e fortalecendo essa relação entre museu e comunidade.

Segundo Prof. Dr Diego Lemos Ribeiro, em suas aulas sobre museologia social, “O museu deixa de falar **para** e começa a falar **com**.” (informação verbal, disciplina de História dos Museus).

Esta afirmação mostra a diferença dos museus do passado, onde a preocupação era de mostrar algo para a sociedade. Hoje, os museus interagem com a sociedade, dialogam, se transformam e com esta abertura passam a ser espaço de integração social.

Danielly Dias Sandy afirma que:

As diversas relações entre as instituições museológicas e a sociedade variam de acordo com o grau de desenvolvimento e participação entre elas, o que depende bastante de cada museu, assim como sua preocupação em relação à comunicação e a consciência de sua responsabilidade social. Quando membros de uma instituição como um museu assumem o seu papel e reconhecem a importância de sua tarefa diante da comunidade, com a criação de projetos culturais, educativos, entre outros, surge naturalmente a relação interdisciplinar, por meio destes meios de diálogos, abertos ao público em geral, o que promove não apenas a instituição em si, mas também o seu acervo, sua pesquisa e, principalmente, a cultura como meio de transformação social (SANDY, 2011, P.3).

É preciso que haja uma interação de ambas as partes, tanto do museu com a comunidade, como vice e versa, somente o diálogo fará uma aproximação tornando essa relação consistente.

Moutinho explica o que é capaz de responder aos novos desafios:

O que caracteriza a Sócio museologia não é propriamente a natureza dos seus pressupostos e dos seus objetivos, como acontece com as outras áreas do conhecimento, mas a interdisciplinaridade com que apela a áreas do conhecimento perfeitamente consolidadas e as relaciona com a Museologia propriamente dita (MOUTINHO, 2007, p.1).

Partindo desse pressuposto, de que a museologia é interdisciplinar, ela também é multicultural e deve abarcar todos os grupos sócios- culturais que constituem seu entorno institucional, como relata o trecho da carta abaixo.

... que o museu é uma instituição a serviço da sociedade da qual é parte integrante e que possui em si os elementos que lhe permitirem participar na formação das comunidades que serve: que o museu

pode contribuir para levar essas comunidades a agir, situando sua atividade no quadro histórico que lhe permite esclarecer os problemas atuais... (Extrato da Declaração de Santiago UNESCO/ICOM, 1972)

A partir deste olhar, o museu se compromete como mediador dos grupos do seu entorno comunitário, buscando dialogar para integrar-se ao contexto.

1.1 MUSEU, UM LUGAR DE INCLUSÃO

Primeiramente, é de suma importância pontuar alguns fatores determinantes para esta nova compreensão de Museu. Um destes fatores é o debate sobre a diversidade e o seu reconhecimento, pois estas novas propostas, de Museus, estão pautadas na compreensão de que o não reconhecimento das diferenças, dos públicos e narrativas plurais, causa o enfraquecimento das instituições e de seus objetivos junto à comunidade.

Segundo Meneses, os valores culturais não nascem com o indivíduo, mas decorrem de uma ação social, ou seja, são opções feitas pelos próprios indivíduos e se transformam em padrões, gerando um conflito em relação ao que é relevante ou não a um grupo social. (MENESES, 1996, p.92) Neste sentido, o museu não deve representar apenas uma porção limitada da sociedade, mas sim a sociedade como um todo. Agregando diversos grupos culturais e deixando de privilegiar apenas alguns para se preocupar com o todo.

Conforme Bruno, a cultura tem como princípio possibilitar a identidade de um povo, como também, possibilitar o reconhecimento das diferenças que podem fazer parte desse grupo. (BRUNO, 2008, p.117) O reconhecimento dessas diferenças é o que chamamos de diversidade cultural. No âmbito destas discussões, os Museus podem agir de duas maneiras: podem buscar compreender os diferentes grupos, e a maneira como eles se relacionam com o meio onde vivem; ou a incompreensão das diferenças poderá causar conflitos entre grupos de uma mesma comunidade, tornando os diferentes grupos incapazes de trabalhar juntos numa mesma instituição, causando uma ruptura

social. Por isso, os museus devem buscar fazer atividades culturais integradoras.

Vale lembrar o artigo 13, da Declaração Americana de Direitos e Deveres do Homem – 1948, que diz que “Toda pessoa tem direito a tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, gozar das artes e participar no progresso científico e nos benefícios que dele resultem”⁴. No entanto, sabemos que para isso é preciso que o museu esteja preparado e ofereça as condições necessárias, começando pela porta de entrada.

Quando se fala em inclusão, além da aproximação com diferentes grupos, também estamos falando de acessibilidade física e sensorial, acessibilidade educativa. As limitações dependem de cada um, de suas barreiras. A dificuldade de acesso não está apenas na limitação do espaço físico, mas também na capacidade do profissional entender as limitações de cada um. O museu deve trabalhar nesse sentido, fornecendo acessibilidade de atuação e reflexão para todos, com uma linguagem universal e com práticas pedagógicas.

Neste contexto, encontramos vários tipos de barreiras, sendo que uma delas é a arquitetônica. Visto que, muitos museus estão alocados em prédios antigos e adaptados, precisando ampliar seus espaços físicos para facilitar as vias de acesso e propiciar ao público a oportunidade de utilizar suas instalações e usufruir de seus serviços. No entanto, muitos destes prédios são tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional o que dificulta a eliminação destas barreiras. Contudo, ainda assim estas barreiras são as mais simples de se romper, se comparadas a outras.

A respeito da acessibilidade, podemos levar em consideração diversas limitações como físicas, etárias, níveis de grau cognitivos e até mesmo comprometimentos momentâneos que afetam as pessoas em alguma fase da vida.

Assim, uma boa acessibilidade começa do lado de fora do museu, com indicações sobre o espaço existente, boa sinalização, estacionamento, rampas para o acesso interno a quem tem dificuldade motora, elevadores, escadas

⁴ (<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OEAOrganiza%C3%A7%C3%A3o-dos-Estados-Americanos/declaracao-americana-dos-direitos-e-deveres-do-homem.html>).

com corrimão, pisos antiderrapantes, portas e corredores amplos, banheiros adaptados, sinalização sonora e saídas de emergências com alarmes vibratórios e sonoros.

A acessibilidade educativa, também é importante, pois é na integração do museu com a escola que podemos obter uma maior penetração dentro da sociedade, reconhecendo os museus como centro de pesquisas e oferecendo programas educativos para o público com deficiência.

Pensando a respeito disto, os museus devem criar mecanismos onde as pessoas possam escolher entre ler e ouvir a informação dada, ou entre ver e tocar um objeto. Segundo Viviane Panelli (2013), uma vez que as pessoas com deficiências visuais são as que enfrentam maiores dificuldades em usufruir o que está exposto nos museus, porque a linguagem visual ainda é a forma de comunicação predominante, o museu pode pensar em oferecer livros em Braille, maquetes, obras em alto relevo e mensagens transmitidas por áudio. E para os deficientes auditivos deve ser oferecida a mediação com intérpretes de libras e material escrito.

Neste sentido, os museus precisam encontrar soluções adequadas para todos os tipos de público, a inclusão precisa fazer parte da sua missão perante a sociedade, respeitando a diversidade seja ela qual for.

As barreiras sensoriais estão diretamente ligadas à comunicação, isto é, o acesso a informação precisa começar fora do museu. Na comunicação escrita, visual e audiovisual devemos utilizar uma linguagem que possa ser compreendida por todos.

Vale citar o exemplo da Pinacoteca de São Paulo que desenvolve um programa educativo para público especial (Pepe). Caminhar nas dependências da Pinacoteca é o mesmo que receber uma aula prática de acessibilidade, a pessoa com deficiência visual encontra logo na entrada duas maquetes táteis sinalizadas em Braille podendo reconhecer o entorno, a história e os três andares do museu. Também, durante o trajeto tem um caminho traçado para pessoas com baixa ou nenhuma visão, por onde o visitante pode circular com áudio-guia e tocar com ou sem acompanhamento de um educador habilitado algumas esculturas do acervo, ele ouve toda a descrição da obra, desde o

formato, até curvas e superfície. Igualmente, há um carrinho móvel em que as opções são muitas, desde a reprodução com texturas de resina e em relevo bi e tridimensional, preparadas especialmente para o toque, até CDs com música para sentir o ambiente e a obra.

Pessoas com deficiências auditivas, também, são acompanhadas nas visitas, inclusive a própria educadora é portadora de deficiência auditiva. Para tanto, os visitantes recebem um guia em LIBRAS e na linguagem escrita, e para os deficientes visuais esse guia é em Braille. Existe, também, um método para os deficientes intelectuais, para eles o núcleo propicia visitas interativas, o que torna a arte mais significativa para todos.

Bom seria se todas as instituições pudessem ampliar suas redes de comunicação, adaptando os conteúdos apresentados aos diversos tipos de público.

Não obstante, a respeito de acessibilidade ainda há um longo caminho a ser percorrido, embora algumas instituições já tenham começado a preencher esta lacuna. Nesta perspectiva, percebemos que a acessibilidade está ligada ao processo de inclusão social nos espaços de cultura, bem como os grupos pertencentes a sociedade em geral. A busca pela inclusão social é uma luta pela integração e pelo reconhecimento das diferenças.

Outro fator excludente, que deve ser considerado, é o da definição de classe social pela posição ocupada por um sujeito nas relações objetivas de trabalho. No prefácio do livro *Memória e Sociedade*, João Alexandre Barbosa (1994) ressaltava a conhecida obra de Paulo Freire *Pedagogia do Oprimido*, para tratar das formas de exclusão que envolvem as diferenças entre as classes sociais onde alguns não são respeitados. Para o autor, cada grupo tem sua importância na sociedade, vivendo e passando adiante suas experiências de vida. A sociedade tem o hábito de rotular os grupos sociais, dando méritos somente aos que considera vencedores, a uma elite, deixando de valorizar aqueles grupos mais “humildes”, os quais são detentores de diversos saberes. Muitas vezes, grupos que perderam seu espaço buscam recuperá-lo a fim de modificarem seus destinos, o que pode gerar conflitos e disputas, quem tem o espaço não quer perder e quem não tem busca adquirir.

Todos têm memórias individuais que se reforçam com a memória coletiva, destacando-se dentro de um grupo, independentemente da classe social. Cada grupo tem sua história de vida, que deve ser respeitada e valorizada. Neste sentido, os museus devem contribuir a serviço de todos, sem distinção, de maneira igualitária e representativa a todos os segmentos da sociedade. Nesta perspectiva, surgem novas propostas expositivas, inovadoras e integradas a comunidade. A busca por igualdade e respeito a todas as culturas dá direito aos indivíduos de tornarem-se parte representativa dentro do espaço museal.

Tojal (2008, p.81) diz que inclusão social aplicada a prática museológica deve conter um foco interdisciplinar, abrangendo todas as áreas de trabalho dessa instituição, envolvendo aspectos educacionais, pesquisa, documentação e conservação. Assim, os diferentes grupos sociais, as diferentes culturas também devem abarcar esse cenário institucional.

A inclusão pode abarcar etnia, educação, religião, saúde, esporte, lazer, política, economia, bem estar social e cultural. Pensando no museu como instituição cultural, ele deve acolher toda esta pluralidade tornando-se um lugar aberto a diversidade cultural.

Por esta postulação, o museu do presente, do hoje, do agora, da interatividade, do sucesso, da representatividade é um museu para diferentes grupos de maneira mais uniforme, levando em consideração a valorização multicultural dos indivíduos.

Desta forma, o presente trabalho pretende mostrar elementos que apontam para uma disputa pelo espaço de memória e representação da comunidade em seus múltiplos aspectos, a partir da relação comunidade X museu, no caso o Museu da Colônia Francesa de Pelotas.

2. O MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA

Neste capítulo serão abordadas informações sobre o Museu da Colônia Francesa, bem como trabalhos de pesquisa sobre este espaço e suas peculiaridades

2.1 HISTÓRICO DO MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA

O Museu da Colônia Francesa está localizado no sétimo distrito da cidade de Pelotas, na Serra dos Tapes, na localidade denominada Vila Nova.

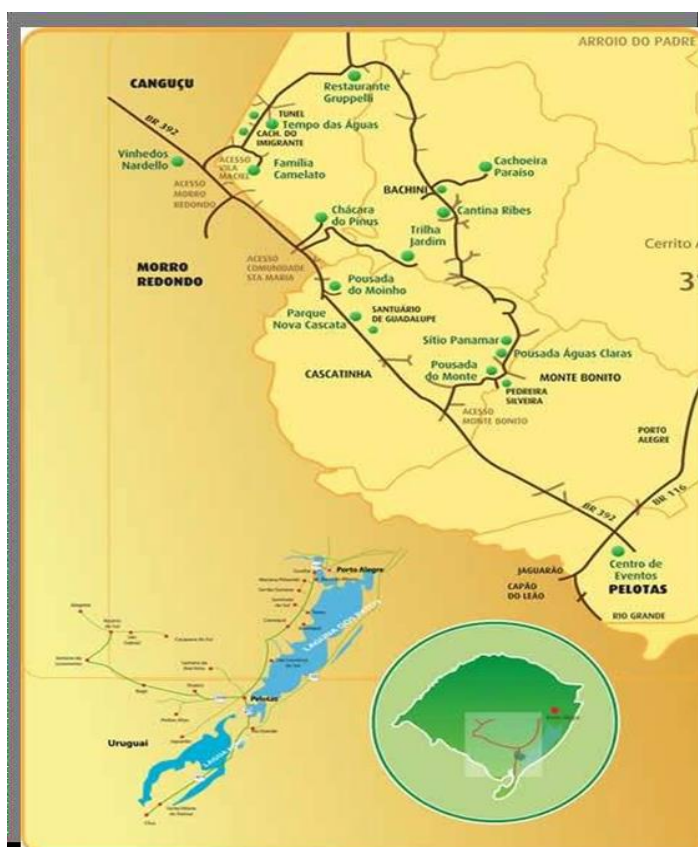


Figura 1: Mapa Zona Rural de Pelotas
Fonte: www.pelotascolonial.com.br

A ideia da criação deste espaço surgiu em 2005 por uma demanda da comunidade local. Segundo registra o historiador Leandro Ramos Betemps, na ata de fundação do museu, deu-se relevância desde o início para o grupo étnico francês, devido à localização e pelo apoio de descendentes que moram naquela localidade.

De acordo com a ata de fundação:

Consta também nesse documento a opinião de Leandro Ramos Betemps que afirmou o museu como uma chance de preservar a cultura da etnia e seu legado do primeiro grupo a produzir compotas e doces cristalizados que, por sua durabilidade, eram levados para outros lugares e que trouxe a fama de terra doceira à Pelotas. Fez uso da palavra o Sr. Nelson Crochemore, na qualidade de representante da comunidade da Colônia Francesa, valorizando a importância da preservação da memória e do patrimônio de sua comunidade por meio da criação do museu (ATA DE FUNDAÇÃO, 14/07/2007).

O museu foi inaugurado em 04 de julho de 2009, com uma exposição provisória denominada “Doces e Vinhos ao som da Marselhesa”, organizada pelo professor Dr. Fábio Vergara Cerqueira e por Leandro Betemps. Essa exposição foi elaborada a partir de peças e imagens dos acervos pertencentes ao Museu Grupelli e ao Museu da Colônia Maciel. Estes três museus Grupelli, Maciel e Colônia Francesa fazem parte do circuito de museus étnicos do interior de Pelotas.

Em um contexto marcado por descendentes de imigrantes franceses, que povoaram a região no final do século XIX, o Museu da Colônia Francesa é um lugar de representação de memórias e significados. Por intermédio de objetos do cotidiano e de trabalho emprestado do Museu Gruppelle e Museu da Colônia Maciel, alguns descendentes da região se veem representados ali através desse acervo.

Um dos pontos bastante discutido, pelos moradores da comunidade, é o fato de que o museu não está localizado na Colônia Francesa, e sim, na Vila Nova. Lugar onde existe um pequeno número de descendentes franceses e uma diversidade muito grande de outros grupos, entre eles alemães, italianos, afrodescendentes e quilombolas. Isso faz com que essa pluralidade não se

veja representada dentro do Museu da Colônia Francesa (doravante denominado MCF).

O professor Fabio Cerqueira Vergara⁵ participou ativamente da implantação do museu, assim ele nos explica o porquê da instituição ter sido implantada naquele prédio:

No caso da Colônia Francesa houve uma demanda que chegou ao Leandro Betemps de que o melhor lugar para o museu não seria aquele do Bachini, e houve uma lista de pessoas que assinaram aquele pedido e que foi formalizado perante a prefeitura para fazer a troca do prédio do Bachini para o prédio da Vila Nova, o documento deve estar dentro do processo na prefeitura...

Por uma questão de logística, seria mais fácil para nós criar e manter o museu naquela localização (vila nova) do que na outra (Bachini), pois no Bachini ia se precisar de um investimento inicial que não se tinha ideia de onde ia sair, não teria como por o museu a funcionar no momento, como ocorreu na Vila Nova, em que apesar de necessitar de reforma no prédio não impediu que no começo funcionasse e fosse se configurando como museu de memória, depois acabamos descobrindo que havia um outro setor da comunidade que ficou descontente...(VERGRA, Fabio Cerqueira, 05/2014).

Alguns moradores da comunidade onde o museu está inserido alegam que a denominação do museu restringe esse museu aos poucos descendentes franceses da região. Por outro lado, o Museu da Colônia Francesa é supervalorizado por essa minoria, uma vez que é o único museu a pertencer a uma colônia francesa existente no Brasil. Representantes da Aliança Francesa no Brasil costumam mandar comissões para visitarem o museu, além de muitos franceses e francófonos, quando estão de passagem pelo Sul, fazerem questão de conhecer a instituição.

O professor Fabio fala sobre o primeiro nome do Museu “Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa”:

O étnico como uma questão conceitual mesmo, pq quando comecei a me envolver com essas questões da imigração no ano de 2000, que me mostrou uma diversidade de origens da população que de alguma forma traziam pra cidade alguma forma de multiplicidade na sua formação que não estava sendo enxergada, e a perspectiva é o conceito de etnia, de entende- lós não como raça e sim como cultura,

^{5*} Entrevista Com o Dr. Prof. Fábio Cerqueira Vergara, coordenador do projeto de implantação do Museu da Colônia Francesa, realizada em maio de 2014 por Sheila Fleming.

além da questão do conceito de etnia, tem a questão de metodologia do que a gente tava olhando pq através da metodologia de historia oral que mesmo não sendo uma metodologia da etnografia, ela dialóga muito próximo com etnografia, pois fizemos junto etnografia e história oral, que é essa observação continua, de dia a dia, de cotidiano e procurando pensar a interpretação que estávamos dando pra esse passado da colônia através de uma descrição densa a partir de um olhar externo, por isso etnográfico, é o ponto de vista do museu.

A relevância da história oral fez com que os colaboradores do museu percebessem o distanciamento da comunidade, revendo assim o nome da instituição que se denominou “Museu da Colônia Francesa”, por estar situado próximo a Colônia Francesa no Sétimo Distrito de Pelotas e ter na sua expografia a história dos descendentes franceses no meio rural.



Figura 2: Fachada do Museu
Fonte: acervo do museu

2.2 PESQUISAS SOBRE O MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA

Como integrante do projeto do M. C. F. desde agosto de 2012, tive a oportunidade de observar e conhecer a comunidade da Vila Nova, bem como seu cotidiano e seus anseios por igualdade. Em minha primeira experiência percebi, assim como minhas colegas que integravam a equipe de voluntários, que a comunidade local não visitava o espaço.

Tomando como base o Trabalho de Conclusão de Curso da aluna de Museologia, da UFPEL, Tatiana Caetano Rocha, intitulado “Estudo de Público do Museu da Colônia Francesa: os que visitam e os que não visitam e suas razões”.

O estudo da pesquisadora teve início pela análise do livro de visitantes da instituição, começando desde sua abertura em 2009 até o ano do término da pesquisa em 2013, concluindo que a maioria dos visitantes era de fora daquela região. Tatiana Caetano Rocha, também, aplicou questionários internos – aos visitantes do museu - e externos com a comunidade do entorno. Esta pesquisa foi realizada com o intuito de conhecer as pessoas que compõem a comunidade e de saber se elas visitavam ou não o museu e por quê.

Nos dezessete questionários, preenchidos pelos visitantes, constatamos que a maioria deles era de fora da região. Na pesquisa externa, dos vinte e cinco questionados, vinte e dois sabiam da existência do museu, e destes, somente oito declararam que já haviam visitado o espaço. Muitos entrevistados alegaram falta de informação a respeito dos horários de funcionamento, outros que não costumam sair de casa nos finais de semana e preferiam que o museu abrisse durante a semana. Nesta ocasião foi explicado a eles que a chave do prédio ficava no restaurante e que eles poderiam visitar o museu qualquer dia da semana, já que os estagiários só podem ir aos domingos. Oito dos questionados deram sugestões para novas exposições, e até mesmo um deles sugeriu uma exposição sobre a comunidade Quilombola. Muitos dos indivíduos

que não visitaram o museu fizeram questionamentos a respeito das exposições.

São constantes os relatos dos moradores sobre a ocupação do prédio pelo espaço do museu. Se a alocação do museu naquele prédio atendeu a expectativas de alguns, que almejavam a implantação da instituição, por outro lado, decepcionou a outros, que não queriam perder o espaço, que antes era usado pela comunidade religiosa para encontros de catequese, reuniões e velórios.

Um grupo desejava que o museu fosse instalado em outro prédio, mas um abaixo assinado dos descendentes de franceses trouxe o museu para a Vila Nova, fazendo com que o outro distrito fosse preterido. O grupo comunitário, que usava o prédio da antiga escola se sentiu prejudicado pelo novo destino dado à edificação – embora as reuniões e a catequese nunca tenham sido impedidas e, inclusive, aconteçam no espaço das exposições.

Além disso, a situação legal do prédio ficou indefinida por um longo período de tempo, pois o imóvel pertence à municipalidade, que formalizou a cessão de seu uso somente em 2012, depois de longa tramitação. Vale destacar que a situação ficou resolvida graças à insistência do Sr. Gilberto Ebersol, descendente de franceses e participante ativo do comitê gestor do museu.

A cessão do prédio permitiu o avanço nas questões de adequação do museu. Visto que esse projeto tem tido lentos progressos, uma vez que os recursos para realização de melhorias, no prédio, são provenientes de recursos e habilidades da comunidade, que envolvida, faz os reparos na estrutura. Neste sentido, já foram realizadas reformas no telhado, nas esquadrias e instalações sanitárias, além de melhorias no acesso.

Durante o processo de constituição do museu, algumas pessoas da comunidade local se destacaram devido a sua dedicação ao espaço. Principalmente, os residentes do entorno, como as famílias Crochemore e Ribes, como também moradores da cidade como o Sr. Ebersol e o historiador Leandro Betemps, que se mostraram comprometidos com a implantação do museu na localidade.

O prédio foi construído em 1949 e designado para abrigar a Escola Municipal José Domingues, nome dado pelo então prefeito de Pelotas Dr. Joaquim Duval.



Figura 3: Placa da fundação do prédio- sede do museu
Fonte: Foto da pesquisadora

Anos mais tarde, a escola passou a se chamar Escola Municipal de Ensino Fundamental Nestor Elizeu Crochemore, em homenagem ao homem que doou o terreno para a construção do prédio. Algum tempo depois, a escola ganhou um novo prédio e o antigo passou a ser usado pela Comunidade Católica São Pedro, localizada em frente ao Museu, para os cursos de batizados, catequese e velórios. Segundo Betemps, no ano de 2009, o então prefeito Adolfo Fetter Júnior fez a doação da construção para sediar o Museu e Espaço Cultural da Colônia Francesa (Relato em anexo).

Entre as temáticas usadas na primeira exposição está o trabalho rural que é devidamente importante, porém, deveria ter pensado a zona rural como um lugar que reuniu, desde o século XIX, diferentes grupos étnicos, incluindo mais elementos daquela comunidade. Esta consideração poderia ter evitado

muitas discordâncias em relação a existência e a denominação do museu. O olhar foi tão direcionado aos descendentes de franceses que desagradou parte da comunidade daquele distrito.

Este museu está localizado no 7º Distrito, interior de Pelotas, Rio Grande do Sul, este lugar é denominado Quilombo. Isso certamente possui um significado especial, pois naquela localidade estão quilombolas do Alto do Caixão, originários de grupos aquilombados do século XIX, como apontam estudos feitos na região. Segundo Grandó, a Serra dos Tapes como também é chamado o 7º Distrito, foi dividida em pequenas propriedades, estabelecendo-se ali vários imigrantes como alemães, italianos, espanhóis e outros, que não chegavam na maioria das vezes, diretamente da Europa e sim de Colônias situadas mais ao norte do Rio Grande do Sul e mesmo de outras províncias (GRANDO, 1990, p.73)

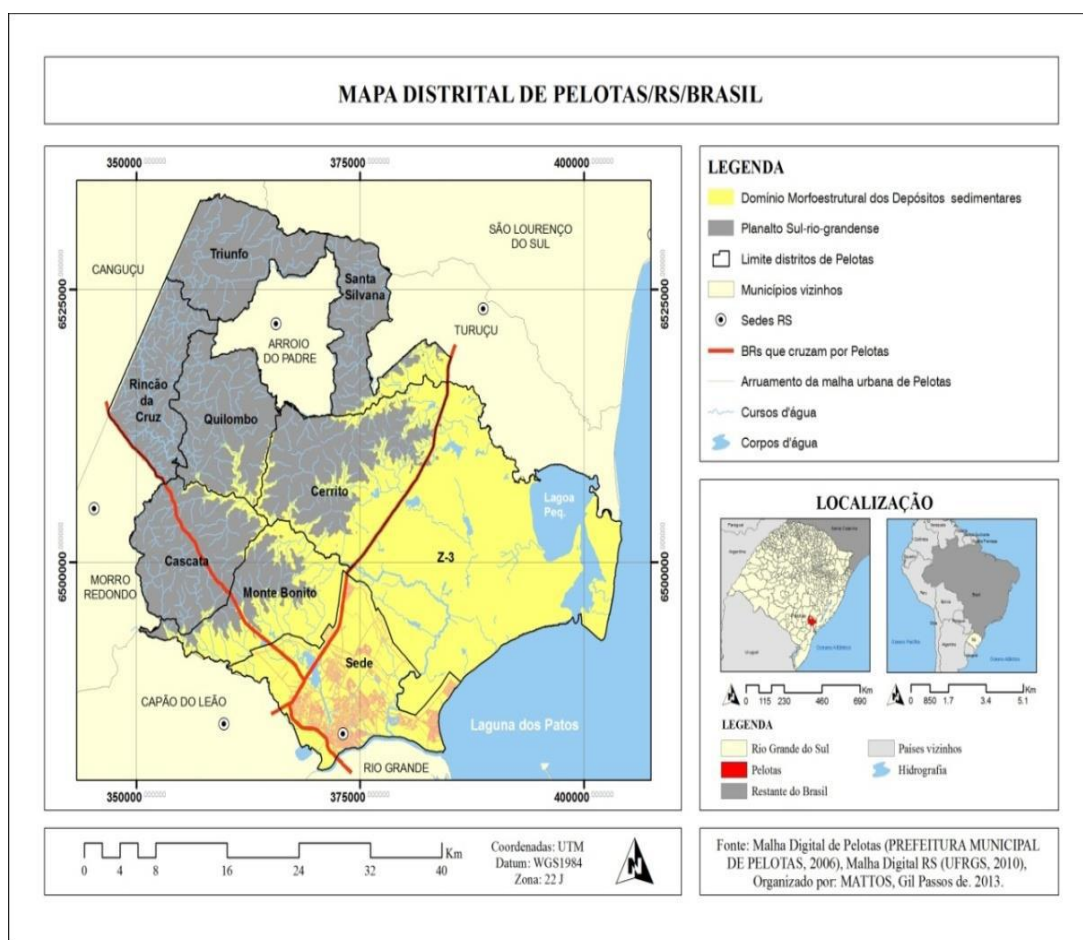


Figura:4 Mapa dos distritos de Pelotas/RS/Brasil

Fonte: Malha Digital de Pelotas (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2006), Malha Digital RS (UFRGS, 2010). Organizado por MATTOS, Gil Passos de (2013).

O 7º Distrito de Pelotas é rico em diversidade cultural, um museu nessa localidade pode ter uma expografia diversificada que abarque essas pluralidades.

Em julho de 2014, Sheila Fleming apresentou em sua monografia de conclusão de curso, um estudo sobre o Museu da Colônia Francesa intitulado “As relações entre museu e comunidade – o estudo de caso do Museu da Colônia Francesa”.⁶ Neste trabalho ela faz o uso da metodologia da História Oral, com o objetivo de entender a relação entre o museu e a comunidade local, segundo ela de descendentes de franceses.

Fleming entende que esta relação passou por três fases distintas, sendo elas: a da harmonia, a da ruptura e a da aceitação. Ela diz que a harmonia foi a fase inicial, por se tratar do entusiasmo pela criação do Museu, e o significado que ele teria para o desenvolvimento da comunidade local. A segunda fase foi a do afastamento da comunidade em razão de uma disputa pelo prédio, já que o local era usado pela comunidade religiosa, e agora iria abrigar o museu. Outra causa, foi o nome da instituição “Museu e Espaço Cultural da Colônia Francesa”, pois muitos não se sentiam representados, já que não eram descendentes de franceses. E a terceira fase é a de aceitação do museu pela comunidade devido ao reconhecimento por parte da mesma ao trabalho realizado no projeto de extensão da UFPEL.

Dessa forma, Fleming chegou à conclusão de que o projeto de Extensão da Universidade Federal de Pelotas, lá desenvolvido pela Prof. Dra. Carla Gastaud, contribuiu para a integração entre museu e comunidade, mantendo o espaço em funcionamento e cumprindo com sua função social. Fleming fala em uma ruptura da comunidade em relação ao museu, entretanto, ela considera como “comunidade” apenas o padre, dois descendentes de franceses e dois professores do curso.

⁶ Fleming, Sheila Bárbara Padilha. **Relações entre museu e comunidade- o estudo de caso do Museu da Colônia Francesa**. Monografia- Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas.

Vale ressaltar que Fleming entrevistou apenas descendentes de franceses e a comunidade é um todo e deve se reconhecer no museu. Por isso, é preciso considerar que se fale em grupo. Visto que, historicamente a miscigenação na comunidade é muito grande e o que menos se tem hoje naquela localidade são descendentes de franceses. Esse fator causa imenso descontentamento por parte da comunidade em geral, uma vez que muitos se identificam com outras etnias. Sendo assim, a maioria dos moradores da região não se sente representada no museu.

Neste contexto, Sheila Fleming afirma que:

O primeiro fato, que ficou visível nesta pesquisa é que existe uma interpretação equivocada, por parte da comunidade em relação ao que o museu se propõe a expor, e do museu em não saber o que a sua comunidade espera do mesmo, de forma que só foi possível observar este fato depois da análise da pesquisa, dando voz a comunidade e aos envolvidos no museu, para que os mesmos pudessem exprimir o que sentem e entendem neste processo museal. Mas mais interessante do que o fato da comunidade de uma forma geral se sentir excluída do museu, é a circunstância que dentro da comunidade de descendentes de franceses também há um grupo descontente, que se vê excluído e inferior, ou seja, dentro de grandes ou pequenas comunidades existem micro comunidades, que nem sempre estão contentes diante dos fatos que as envolvem (FLEMING, 2014, p.27)

Desta forma, este trabalho foi buscar contato com um número maior de moradores da comunidade.

2.3 O PAPEL DA UNIVERSIDADE

O papel da Universidade Federal de Pelotas se dá através do apoio técnico, em relação ao museu, e da troca de saberes entre os acadêmicos, envolvendo tarefas de organização e gestão museológica. Este apoio faz com que a instituição tenha uma estrutura organizada.

No ano de 2010, o curso de Bacharelado em Museologia da UFPEL cadastrou um projeto de extensão, sob a coordenação da Prof. Dra. Carla Gastaud. Com o intuito de constituir um acervo próprio do museu, vinculado à

história local, a partir das demandas da comunidade, bem como de criar linhas de pesquisa das temáticas propostas (gerenciamento, pesquisa, preservação e expografia).

Com estes objetivos, tiveram início as ações educativas dentro do museu, como palestras, oficinas e visitas técnicas. Depois de realizado o cadastro na Pró-Reitoria de Extensão, o projeto passou a contar com o apoio de bolsistas, além de voluntários do curso de Museologia e de História da Universidade Federal de Pelotas.

As reuniões do projeto foram realizadas pela coordenadora, Prof. Dra. Carla Gastaud, organizadas semanalmente com o objetivo de discutir sobre o andamento das atividades realizadas e orientar a equipe de trabalho sobre como desenvolver as ações dentro do museu e junto à comunidade.

O projeto contou, também, com alguns colaboradores externos, que já participavam do projeto antes de 2010, como o professor Gilberto Ebersol e o historiador Leandro Betemps. Com a expansão do projeto novos colaboradores se juntaram à equipe, como a historiadora Cristiane Ávila e a professora Louise Alfonso.

Durante as entrevistas com os integrantes da comunidade, para realização deste trabalho, eles foram questionados sobre o que acham da presença da Universidade dentro do museu:

Neste sentido, Dona Maria Elaine Crochemore⁷ diz o seguinte:

Em relação aos alunos eu acho que são os grandes trabalhadores, digamos assim, para que o museu vá acontecendo, e provavelmente a Universidade como formadora desses estudantes da museologia também tem uma responsabilidade grande e teve essa abertura de se envolver com a criação de um museu no interior do Município de Pelotas (CROCHEMORE, Elaine, 26/04/2015).

Segundo o depoimento da Professora Elaine que é moradora da zona rural, a presença da Universidade é tida como essencial para o funcionamento

^{7*}Entrevista com a professora Maria Elaine Crochemore Ribes, moradora do Sétimo Distrito de Pelotas, realizada em 26 de abril de 2015.

do museu, e a resposta não foi diferente quando a mesma pergunta foi feita à outra moradora da localidade, Professora Lucy Santos Bilhalva⁸:

... a universidade ter esse interesse em vim pra zona rural pra bota um museu, forma um museu aqui, eu acho de suma importância que a universidade tenha saído de suas paredes e tenha vindo...(BILHALVA, Lucy 26/04/2015).

O padre Luís Capone⁹, que é um líder religioso na comunidade, também falou a respeito da importância da Universidade no Museu:

Acho importante o trabalho da Universidade, mas acho também que a comunidade é acomodada, poderia participar mais, se comunicar mais com o museu, pelo que eu sei são poucas pessoas que se envolvem diretamente, por isso a importância do envolvimento com a escola, parece que agora eles estão tendo aula de francês, mesmo que nem todos sejam franceses, porque nós temos negros, indígenas, enfim...mas é importante que conheçam a história da região e criem essa identidade. Sem a Universidade o museu não poderia se manter.

O que se percebe é que comunidade acredita que a Universidade está fazendo a sua parte, com o aval dos moradores, essa pergunta foi feita a dez moradores e todos foram unânimes na resposta, para eles o trabalho da universidade é primordial para o museu.

2.4 O MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA E AS AÇÕES EDUCATIVAS

Para as ações educativas, realizadas no ano de 2014, foi estabelecido um programa de atividades junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental Nestor Eliseu Crochemore, que se localiza próxima à instituição. O objetivo das ações educativas era o de aproximar as crianças da história da comunidade,

^{8*}Entrevista com a professora Lucy Santos Bilhalva, moradora do Sétimo Distrito de Pelotas, realizada em 26 de abril de 2015.

⁹ *Entrevista com o Padre Luis Capone, pároco da Colônia, realizada em maio de 2014, por Sheila Fleming.

valorizando a narrativa local e estimulando o sentimento de pertencimento dos mesmos a localidade.

Segundo os relatórios de avaliação das ações educativas, o resultado foi momentâneo, pois a escola levou os alunos a participarem das atividades, mas o trabalho não teve sequência. Enfim, não despertou o interesse dos professores e alunos, que ainda não se sentem representados dentro do museu. Pelos relatos daqueles que visitaram o museu, existe uma diversidade muito grande, e a maioria não eram descendentes de franceses.

Como resultado destas ações educativas e do distanciamento da comunidade escolar, podemos constatar que o público envolvido almejava ter um museu que representasse todos grupos da comunidade e não só a etnia francesa. Uma vez que existe uma grande diversidade étnica e sócio-cultural na região.

2.5 A DIVERSIDADE CULTURAL DA REGIÃO

No 7º distrito de Pelotas, é possível encontrar descendentes de franceses, italianos, alemães, indígenas, afro-brasileiros, entre outros.

A respeito dos descendentes de franceses. Segundo Betemps, (2008, p.16-17) em 1879, eles vieram de São Feliciano para Pelotas, para trabalhar.

Algumas famílias que chegaram: Arbes, Argout, Beauvalet, Bertholon, Bichet, Capdeboscq, Carret, Cahrrois, Chollet, Choreux, Claverie, Colomby, Comte, Cousen, Crochemore, Ebersol, Escallier, Fouchy, Fournier, Frechou, Gaume, Gerard, Giroux, Guiot, Jacquot, Jouglard, Lahude, Laurant, Leroy, Lesauvage, L'homme, Lonchamp, Luvier, Magallon, Martin, Ney, Palavet, Petit, Raffy, Ribes, Steinle, Tourin, Vacher, Vannuer, Wahast.

Grando (1990, p.80-81) relata que quando os franceses chegaram em 1880 tiveram a ajuda do comerciante João Antônio Pinheiro, que loteou suas terras na Serra dos Tapes e vendeu a eles, com a condição de pagamento somente após a primeira colheita. Assim, os primeiros colonos organizaram suas lavouras, vinhedos e pomares. Então, foi fundada a Colônia Francesa de Santo Antônio, no 7º Distrito de Pelotas, Quilombo. Nesta época, os colonos

plantavam batata inglesa, milho e feijão para o consumo próprio e, também, vendiam na cidade lenha e cascas de algumas árvores que eram usadas para tingir couro nos curtumes.

Os franceses produziam, igualmente, fumo, cana de açúcar, uva e alfafa, que por sua vez foi bem sucedida e trouxe desenvolvimento para a colônia. Eles, também, contavam com o moinho de Luis Ribes, uma fábrica de celulose, uma fábrica de tamancos e uma escola para os meninos. E as meninas ficavam em casa ajudando as mães na produção de doces artesanais. Os instrumentos mais usados na lavoura eram a pá e a enxada. (GRANDO, 1990, p.84)

Em 1880, foi fundada a Quinta do Pastorello, por Domingos Pastorello, somente para o preparo de vinhos. E no ano de 1900, implantaram a fabricação de conservas de pêssego. Já em 1914, a empresa passou a ser gerenciada pelo genro de Pastorello, Emilio Ribes, com o processo todo artesanal. Neste sentido, foram os franceses que idealizaram a transformação da fruta em compotas e doces, o que se espalhou por toda a colônia. Em 1930, os franceses construíram o Obelisco em comemoração aos 50 anos de fundação da colônia. Nesta ocasião foi feita uma grande festa comemorativa e um ato solene de hasteamento de bandeiras, missa, almoço, reunião dançante, como também uma exposição de antiguidades, documentos e retratos pertencentes aos fundadores e descendentes franceses. (GRANDO, 1990, p.105)

A colônia Francesa é muito valorizada pelos descendentes que ainda vivem ali, com o passar dos anos muitos abandonaram a colônia, foram viver na cidade e em outros estados. Entretanto, a localidade é um marco da migração francesa no Rio Grande do Sul, é reconhecida no Brasil e fora dele, como a única colônia Francesa existente no Estado.

Com relação aos descendentes de alemães. De acordo com Grando (1990, p. 81), entre 1881 e 1886, juntaram-se aos franceses os colonos alemães e italianos e novos lotes foram anexados ao núcleo inicial. Algumas famílias alemãs: Hannemann, Konrad, Mielke, Reinhardt, Mohnsan, Milach,

Schiller, Schubert, Klug, Berg, Felbilac, Ulrich, Ehlert, Gueiritch, Tessann, Bertnt, e Lange (BETEMPS, 2009, p.72)

Conforme Anjos (2000, p.83), é possível reconhecer que no final do século XIX o grupo étnico alemão, relacionado a outros, estava presente em maior número na zona rural de Pelotas.

Os alemães cultivavam o feno de alfafa, milho, feijão, batata inglesa, cevada, ervilha e toucinho. Eles se dedicaram, ainda, ao ofício de carpintaria, ferraria e curtição de couro (GRANDO, 1990, p.107).

Os colonos alemães construíram uma escola, onde era também a residência do professor, um cemitério e a Igreja Evangélica, em 1898, no lote doado pelo fundador da colônia. O pastor da Igreja era de nacionalidade alemã. Eles pagavam o salário do professor, davam moradia e um terreno para o cultivo. (GRANDO, 1990, p.107).

Os alemães ao contrário dos franceses, tinham uma grande preocupação com a preservação do solo, eles usavam recomendações técnicas, adotando medidas de controle a erosão, através de plantações em curva de nível e terraço, empregando fertilizantes de acordo com a Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER). (GRANDO, 1990, p.42).

A presença dos italianos em Pelotas se deu antes mesmo da política de imigração organizada pelo Governo em 1875. Data oficial da chegada dos imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul, desses a maioria ficou na zona Urbana (PEIXOTO, 2003, p.5).

Os italianos chegaram a Serra dos Tapes entre 1875 a 1900 (GRANDO, 1990, p. 73). Segundo a autora, um pequeno grupo aglomerado formava uma comunidade que ganhava do empresário fundador da colônia um terreno para fazer a escola, casa de moradia do professor, com lavouras e cemitério. E assim, mantinham o poder do comércio na colônia.

Algumas famílias italianas: Duranda, Ferrari, Peverada, Cazari, Romano, Bachini, Larroque, Rosso e Betemps, Fuzeri e Pastorello (BETEMPS, 2009, p.72).

Os motivos que levaram essas famílias a se estabelecerem na Serra dos Tapes foi a qualidade do solo. Para produzirem, eles, primeiramente,

exploraram a madeira e formaram as lavouras, dando espaço aos núcleos coloniais e acabaram substituindo a mão- de- obra escrava no meio rural. Os italianos exerciam, também, o domínio do comércio na colônia (GRANDO, 1990, p.107).

Sobre a presença dos afrodescendentes, de acordo com Ávila e Ribeiro (2013, p.6), o Sétimo Distrito de Pelotas, denominado Quilombo, que se formou na Serra dos Tapes, era um distrito formado por colônias dos primeiros imigrantes europeus que chegaram à região. O Quilombo Alto do Caixão era chefiado por Manoel Padeiro. Esse local abrigava escravos fugidos das charqueadas, na época da Revolução Farroupilha. Esses fugitivos tinham poucas roupas para suportar o frio e a sua alimentação consistia em aproveitar as partes do boi que eram considerados “não-aproveitáveis”, das quais era feito um fervido que era comido em gamelas ou coités de madeira e barro. Eles utilizavam as mãos ou colheres de pau e comiam em pé ou de cócoras. Essa comunidade há pouco tempo foi reconhecida como remanescente dos quilombolas, iniciando a valorização da história, a preservação do modo de vida, rituais e manifestações religiosas, modos de fazer, como artesanato de palha, conhecimentos de ervas de chá e agricultura familiar no meio de um terreno irregular e cheio de pedras. Não há na localidade monumentos de pedra e cal como podemos ver na Colônia Francesa.

A respeito dos descendentes de indígenas, segundo Milheira, foram encontrados diversos sítios arqueológicos na região da Serra dos Tapes, como por exemplo, uma urna funerária encontrada em 1980 pelo Sr. Ribes, enquanto lavrava. O arado caiu no buraco onde estava enterrada a urna, a qual foi retirada pelo agricultor (MILHEIRA, 2014, p. 159).

A arqueologia vem ajudando a desvendar essas histórias, identificando fragmentos com grande potencial para estudos sobre o primeiro período de assentamento histórico, há mais de cem anos, dos índios Guaranis naquela região.

Milheira descreve, ainda, sobre uma segunda urna funerária, encontrada no mesmo sítio, porém sem vestígios de esqueleto humano. Também, foram

identificados objetos do tipo cerâmica, vasilhas e potes, o que nos faz pensar que houve algum tipo de atividade simbólica.

Este sítio arqueológico está localizado entre o Arroio do Andrade e o vale do arroio do Corrientes no 7º distrito de Pelotas e não se tem informação de remanescentes naquela localidade.

3. MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA E AS NOVAS POSSIBILIDADES

Neste capítulo buscamos apresentar iniciativas realizadas dentro do Museu da Colônia Francesa, com o objetivo de representar o Sétimo Distrito de Pelotas de maneira integradora.

3.1 PRIMEIRAS AÇÕES VOLTADAS À INCLUSÃO DE DIFERENTES GRUPOS NO MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA

A primeira ação desenvolvida consistiu em duas exposições concomitantes: “A Memória da Aeropostale” e o “Patrimônio Cultural Quilombola”. A partir de então, o museu começou a desenvolver várias ações voltadas à inclusão que serão descritas abaixo.

3.1.1 EXPOSIÇÃO SOBRE O ALTO DO CAIXÃO: PATRIMÔNIO CULTURAL QUILOMBOLA.

Com o intuito de diminuir o foco do grupo étnico francês e ao considerar a necessidade de abrir espaço para outros grupos étnicos da região, em 2014, o Museu da Colônia Francesa passou a apresentar a exposição “O Patrimônio Cultural Quilombola”, que destaca locais que rememoram a história das comunidades negras na região.

Segundo a tradição oral, alguns locais são apontados pelos moradores para reconstituir a trajetória dessas comunidades, tanto os escravos, como os Quilombolas.

A foto abaixo mostra as ruínas de uma antiga senzala. Segundo depoimento da proprietária, quando casou e foi morar na propriedade, a senzala já existia. Dentro da senzala, foram encontrados vestígios de umas espécies de camas feitas com troncos de árvores e das cobertas que eram feitas de palha de giribá trançadas. Também foi achado o sino, conforme figura abaixo e uns cachimbos de barro.



Figua 5: Imagem dos vestígios da senzala
Fonte: Cristiane Barte



Figura 6: Sino encontrado nas ruínas

Fonte: Cristiane Bartz

Vale destacar que estas narrativas hoje estão expostas dentro do museu da Colônia Francesa.

A segunda exposição “A Memória Aeropostale”, organizada pela Associação Latecoere, sob a coordenação da Profª. Mônica Cristina Corrêa, mostra que Pelotas fazia parte da rota do correio postal aéreo entre a Europa e a América após a Primeira Guerra Mundial.



Figura 5: Inauguração da exposição “Patrimônio Cultural Quilombola”
Fonte: acervo do Museu



Figura 6: Inauguração da exposição “Memória da Aeropostale”
Fonte: acervo do Museu

3.1.2 ATIVIDADES DO DIA DO PATRIMÔNIO

As atividades, propostas pelo Museu da Colônia Francesa, no “Dia do Patrimônio” ocorreram no dia 17 de agosto de 2014, na sede do Museu, localizada no Sétimo Distrito de Pelotas, denominado Quilombo. O evento foi realizado pela Secretaria Municipal de Cultura (Secult) da cidade de Pelotas. A equipe do museu convidou duas palestrantes para abordarem temas sobre o Patrimônio Cultural Quilombola direcionado à Comunidade Alto do Caixão.

As atividades tiveram início às 10h30min de domingo (17), com a mediação da exposição “Patrimônio Cultural Quilombola”. A seguir, foi aplicada uma dinâmica, denominada “Você conhece o Patrimônio Cultural Negro de Pelotas?”, pela professora Cristiane Alves.

Às 14h, teve início a palestra da professora Louise Alfonso, intitulada “Educação Patrimonial e Comunidades Negras do Passado e do Presente”. Esta palestra trouxe exemplos de comunidades quilombolas, no país. E a

discussão possibilitou reflexões do grupo quanto à formação do distrito e quanto ao papel do Museu naquela localidade.

Segundo Alfonso, patrimônio é tudo o que é apreendido e partilhado, dentro de um grupo. E a respeito da pluralidade, ela afirma que:

Mas, afinal, o que é o homem brasileiro? O mito das três raças – índios, negros e brancos – é pouco para falar sobre um povo e sua capacidade de se misturar ou de conviver com diferenças, hierarquias e muitas tradições culturais. Na terra que cultiva o doce, na festa que colore as roupas, nos tachos que atizam a fome, nos cantos que celebram a vida e lamentam a morte, na fé que ora nos leva ao terreiro de candomblé, ora à igreja, os brasileiros se encontram, se igualam e se distinguem. Nas nações indígenas que vivem aqui de longa data, das muitas áfricas para cá trazidas, de portugueses, alemães, turcos, libaneses, italianos, japoneses e muitos outros que também chegaram, em épocas diversas e por motivos vários, se faz a expressão ímpar de um povo plural. (ALFONSO, 17 de agosto 2014 – Museu de Folclore Edson Carneiro - MFEC).

Sendo assim, como podemos ter um museu para uma pequena ramificação francesa, diante de toda essa diversidade cultural, que também existe no Sétimo Distrito de Pelotas. O museu, sendo um lugar de representatividade, não pode cegar o olhar para as referências culturais da sua região.

(...) valorização de novas vozes, de interpretações alternativas sobre cada localidade. Bem como, identificar estratégias de legitimação identitária a partir do olhar destes grupos para estas diferentes questões, favorecer a destes grupos e refletir sobre a apropriação de elementos patrimoniais do passado e seu uso no presente. (ALFONSO, 17 de agosto de 2014).

De certa forma, aquelas pessoas se apropriaram de fragmentos do seu passado, de sua história e perceberam a importância de preservar e repassar seus ensinamentos no presente. Isso, fortaleceu o grupo transformando-os em agentes de mudanças da sua própria realidade.

A Comunidade Alto do Caixão, sentiu-se à vontade dentro do museu e conseguiu se reconhecer na exposição. Cabe ressaltar, que pela primeira vez membros da comunidade quilombola estiveram no museu e para uma exposição com uma temática referente à sua história e seus patrimônios.

Os integrantes da comunidade Alto do Caixão, também, visitaram a igreja São Pedro que está localizada em frente ao museu.



Figura 7: Fachada da igreja São Pedro
Fonte: acervo do Museu



Figura 8: Ação do dia do Patrimônio
Fonte: acervo do Museu

Desta forma, o Museu da Colônia Francesa passou a expandir a ideia de integração das etnias daquela localidade. Buscando a aproximação com a população do entorno, formada por descendentes indígenas, africanos, franceses, italianos e alemães. Voltado para a valorização da história de cada um, o museu passa a buscar a interatividade com a comunidade de forma que os diferentes grupos se sintam representados e se apropriem daquele espaço com o sentimento de pertencimento.

O trabalho feito no Dia do Patrimônio com a Comunidade Alto do Caixão gerou um material que pode ser usado em uma nova exposição do museu. Além disso, outras atividades que serão feitas a partir de agora, com as outras etnias, darão continuidade à geração deste material expográfico. A riqueza do Patrimônio Cultural existente no Sétimo Distrito de Pelotas precisa ser usufruída pelos moradores e visitantes da região. Assim, é nosso dever profissional alertá-los para a reflexão da valorização e preservação desses bens culturais. Para que eles sejam agentes participativos desses bens, fortalecendo sua história e identidade.

3.1.3 SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Para o Dia da Consciência Negra, no museu, foi elaborada uma proposta de oficina. O público alvo desta atividade foram os moradores da Vila Nova e arredores. A oficina ocorreu no dia 23 de novembro de 2014.

A escolha do público se deu, pois consideramos de extrema importância que a temática do negro fosse tratada com os outros grupos da comunidade, que não somente afrodescendentes, de forma a integrar a comunidade quilombola aos demais grupos e diminuir o preconceito até então evidenciado.

O trabalho consistiu na realização de duas oficinas e um diálogo aberto com a comunidade. A primeira oficina tratou da apresentação e discussão de um vídeo, denominado “Contos Africanos” Kiriku: A lenda do bebê guerreiro que salvou sua aldeia com a feiticeira por dentro da África”, com a historiadora Cristiane Bartz de Ávila.

A segunda oficina intitulada “‘Multiculturalidade’ Relação entre passado e o presente dos grupos formadores do Distrito Quilombo”, com a Professora Louise Alfonso. E ao final, a proposta de diálogo aberto com a comunidade e com a professora Luci Santos Bilhalva.

Essa atividade foi realizada com um pequeno número de pessoas da comunidade e algumas crianças que assistiram à sessão de cinema. As poucas pessoas que estavam lá pareciam não ter muito interesse no assunto. Então, a professora Luci tomou a palavra e falou um pouco sobre a importância do museu e suas ações para com a comunidade. Já passava do meio dia, quando foi realizado o encerramento da ação, pois sabíamos que aquelas pessoas não retornariam à tarde. Como prevíamos, as pessoas não retornaram, desta forma procuramos entender o que deu errado. Simplesmente, constatamos que as pessoas que estavam lá não tinham interesse na programação oferecida, a temática do negro não era interessante para os grupos que não se reconheciam etnicamente. Os poucos moradores da região, que estavam no museu naquele dia, eram dos arredores, não da Vila Nova, a não ser a professora Luci, que trabalha na Escola Nestor Elizeu Crochemore, e mora em frente ao museu.

Nesse sentido, a atividade demonstrou que o Museu tem um longo caminho a traçar para aproximar os diferentes grupos, uns dos outros, e do Museu.

3.2 NOVAS PERSPECTIVAS NO MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA

A semana dos museus de 2015 trouxe o tema “Museus para uma sociedade sustentável”. Neste sentido, o Museu da Colônia Francesa, pensando em uma aproximação com a comunidade, lançou a proposta de fazer uma oficina de revitalização do jardim da instituição, com a professora de botânica da UFPEL Marines Garcia. A oficina se chama “Refletindo sobre a importância da preservação do meio ambiente em um centro de memórias” e trata do plantio e troca de mudas de ervas medicinais.

A escola Nestor Elizeu Crochemorre envolveu-se na atividade, pois os alunos do 5º ano, da disciplina de Francês, da professora Tatiana Ugoski, farão a pesquisa sobre as ervas de chá, próprias a região. E, também, confeccionarão placas com os nomes nos idiomas português e francês, para colocar junto aos canteiros.

Infelizmente, a proposta, que teria ocorrido no mês de maio, teve que ser adiada por causa do mau tempo e será realizada em um outro momento. Já que a ideia agradou a todos da comunidade.

Essa ação foi pensada como uma forma de aproximação, entre a comunidade e o Museu. Posto que, os canteiros poderão ser cuidados pelos moradores e servir a todos como uma forma alternativa medicinal.

3.2.1 METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL

A presente pesquisa buscou através da metodologia da história oral aproximar-se da comunidade para evidenciar suas narrativas, a respeito do museu. Para que estas narrativas possam ser utilizadas pela instituição, em

futuros módulos expositivos que possam ser integradores e representativos para a comunidade. Esta metodologia possibilita que as pessoas sejam realmente representadas por meio de suas narrativas, abrindo novas perspectivas para o entendimento do passado recente, dando voz a vozes que, por algum motivo, se calaram. Vozes que não foram ouvidas, e que podem sim apresentar novas versões dos fatos.

Neste contexto, as exposições podem mostrar diferentes grupos dentro da mesma comunidade, grupos em que os atores sociais vivem e trocam experiências vividas, não por viver em sociedade, mas pelo compromisso social onde estão vinculados. Chagas diz que a museologia social está comprometida com a redução de injustiça e desigualdade social com o combate aos preconceitos em favor do povo. (CHAGAS, p.17 cadernos do CEOM - Ano 27, nº 41- Museologia Social)

O objetivo dessa pesquisa foi assim, compreender o porquê da comunidade não se sentir representada dentro do museu. E, também, identificar o interesse dos pesquisados em relação à memória e ao esquecimento, através da representação e identificação de objetos que relembrem e identifiquem os moradores com a instituição. Gerando assim, um acervo definitivo para o museu.

Essa pesquisa foi realizada usando a metodologia da História Oral, foram efetuadas dez entrevistas, sendo cinco feitas com moradores do sétimo distrito de Pelotas, privilegiando no mínimo um descendente de cada grupo étnico da comunidade. Assim, foi possível estimular uma série de lembranças e esquecimentos nos entrevistados, buscando saber o que eles pensam a respeito do museu e se eles se reconhecem naquele espaço de memória. A proposta era, também, a geração de narrativas sobre objetos de diferentes grupos da região, contribuindo para a escolha de um acervo representativo para a comunidade.

A metodologia da História Oral está voltada para a memória, se referindo ao passado das pessoas que se atualiza no presente. Através dela podemos conhecer as trajetórias de cada indivíduo ou de seu grupo social. Nesse caso, a História Oral, como metodologia, foi escolhida de forma a ampliar o

conhecimento e a abordagem das lembranças e testemunhos das pessoas que contribuíram para a implantação do Museu da Colônia Francesa e evidenciar o que essas pessoas pensam individualmente e coletivamente sobre o museu.

Como afirma Oliveira:

A História oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta sua história, esta se mostra em volta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado (OLIVEIRA, 2005, p.94).

As narrativas fazem uso da memória, da palavra e também da escrita para contar uma história, mas o silêncio também tem significado entre palavras e relatos. Um suspiro, um momento de reflexão do entrevistado pode querer nos dizer algo a respeito dos fatos que ainda não tinham sido ditos ou registrados, anteriormente, por outra fonte de documentação. Esse é o diferencial do registro feito pela História Oral.

A História Oral é uma metodologia usada em estudos referentes à vida de pessoas, grupos e comunidades, por isso, a escolha desta como fonte de pesquisa neste trabalho com o museu. Sendo assim, a proposta foi trabalhar com História Oral, pois esta metodologia pode trazer novos relatos a respeito de fatos não registrados por outras formas de documentação.

A metodologia da história oral pode possibilitar a valorização da cultura multiétnica da região ao guardar, conservar, documentar, divulgar o acervo e desenvolver projetos de interesse da comunidade local e arredores. Esse método foi utilizado como uma ferramenta vinculada à junção dos saberes nas vivências das práticas sociais na comunidade.

As visitas nas casas dos moradores da região foram refeitas, tendo por base a rota realizada por Tatiana Caetano Rocha, no ano de 2013, no momento da realização de seu Trabalho de Conclusão de Curso, sobre o estudo de público no museu. As expectativas dos moradores aparecem de forma clara nas respostas dos questionários aplicados na comunidade. Eles não queriam um “Museu da Colônia Francesa”, mas sim “Museu da Colônia do 7º Distrito de Pelotas”, pois para eles, parte do atrito entre museu e

comunidade se resolveria somente com essa troca, e consequentemente a expografia com uma representatividade da comunidade em geral.

Sobre isso dona Elaine Crochemore, descendente francesa e alemã, diz o seguinte:

Eu não sou preconceituosa, mas eu percebo que tem, existe um certo preconceito por ser museu da Colônia Francesa, então eu não sei se seria aprovado, digamos oportunidade de trazer outras etnias, porque na realidade essa região aqui, a formação dela é muito mais alemã do que francesa, tanto é que os meus avós maternos, o meu avô era alemão da Alemanha, enquanto que pelo lado dos franceses meu bisavô veio com 4 anos para cá, então eu acho assim que essa ligação alemã e francesa é muito presente aqui, então é muito próximo, se fosse fazer uma pesquisa de casa em casa não sei se não se acha mais alemães do que franceses aqui na Vila Nova. Eu acho que o começo já foi errado, eu até não sei como foi se implanta um museu da Colônia Francesa num lugar onde na verdade tem diversas etnias... (CROCHEMORE, Elaine, 26/04/2015)

As palavras de dona Elaine mostram que existe a possibilidade de inserção de outros grupos étnicos dentro do museu, ela é descendente de dois grupos étnicos, alemão e francês.

Nas entrevistas realizadas, questionamos a possibilidade de inserção de outros grupos étnicos dentro da instituição e, neste sentido, todas as respostas foram positivas. É importante salientar que procuramos selecionar os entrevistados de forma a termos um representante de cada grupo étnico da comunidade.

A professora Luci que é descendente de espanhóis e italianos, também falou a respeito da inclusão de outros grupos étnicos no discurso expográfico do museu:

...de repente se trocasse o nome do Museu, não só de Francês, mas o museu do Sétimo Distrito ou o museu da Colônia Santo Antônio, o nome desse distrito é Quilombo, colocasse então museu do Quilombo aí poderia ser que houvesse uma maior adesão das pessoas não sendo só franceses, que também os italianos poderiam vir, que os alemães também são em bastante número aqui também, os nossos quilombolas também, de repente essa ideia funcionasse...(BILHALVA, Lucy 26/04/2015)

Dona Elaine e a dona Lucy, compartilham da mesma opinião, talvez a troca do nome do museu fosse a solução para inserção dos demais grupos

étnicos da comunidade. Seu José Antonio Radman¹⁰, que é descendente de alemães e franceses, também comentou que:

...Sim acho que pode ser... é uma boa plataforma essa dos franceses, mas talvez isso fosse trazer toda a sociedade, toda a comunidade pra dentro do museu, podia sedimenta Franceses, origem africana, como eles vieram pra cá , que também é uma curiosidade, que os africanos foram bastante pras metrópoles, a grande metrópole, e nós em Pelotas a região de Pelotas, tem bastante de origem africana bastante negro de origem afro descendente que já no Norte do estado já não tem tanto, é diferente aqui, e não sei, acho que essas curiosidades que podia ser trabalhada...(RADMAN, José Antônio 17/05/2015)

O discurso dos entrevistados é, praticamente, o mesmo independente do grupo étnico a qual eles pertencem. Por isso, se faz importante a opinião de cada representante. Seu Paulo Grupelle¹¹, descendente de italianos, também se pronunciou a este respeito:

Pra mim deveria de existir mesmo, tanto o alemão como o italiano, o preto, nós somos todos iguais.(GRUPELLE, Paulo, 26/04/2015)

Dona Daisy, de origem afrodescendente, do núcleo do Alto do Caixão, também, se pronunciou a respeito da inserção de outros grupos étnicos no museu da Colônia Francesa:

Acho que sim , porque que não? As vezes as pessoas tem uma ideia bem diferente da realidade a região que a gente mora são várias etnias são poucos que não se dão bem, todo mundo se dá bem, está bem integrado, as famílias são constituídas com etnias diferentes, uma fácil convivência aqui tá “Alto do Caixão” tem uns que outros que acham que não deveria ser assim, se eu chega na casa de um descendente Frances eu sou tratada normal não tem diferença, não tem preconceito, alemão também tem aqui e todo mundo se dá bem...(SILVA, Daisy Diaz, 17/05/15)

A opinião de dona Daisy foi extremamente importante, mostrou que no núcleo do Alto do Caixão o preconceito é coisa do passado, a integração de todos só vai somar dentro da instituição.

¹⁰Entrevista com o senhor José Antonio Radman morador do sétimo Distrito de Pelotas, realizada no dia 17 de maio de 2015

¹¹ Entrevista com o senhor Paulo Grupelle, morador do Sétimo Distrito de Pelotas, realizada no dia 26 de abril de 2015.

Outra entrevistada foi a curadora de uma das exposições, que está no museu da “O Patrimônio Cultural Quilombola”, Cristiane Bartz de Ávila¹², que enfatiza o seguinte:

...eles foram receptivos, disseram que nunca tinha tido um material lá que falasse do negro, dos quilombolas, a questão do passado, eles se reconheciam nas gravuras que estavam nos banners e foi bem receptível... Um dia, até foi, em contato com algumas pessoas dali, eles disseram, aqui só tem dos franceses. Era um anseio da comunidade de fazer essa integração, aí foi dada essa abertura, um acervo onde eles se identificassem e tal... esse é um trabalho de formiguinha... mas uma das coisas importantes é o interesse dos bolsistas a comunicação com a comunidade, se a comunidade acha que os objetos expostos não está vinculado a sua história, eles acabam não se identificando e nem frequentando o museu... (Ávila, Cristiane Bartz, 21/05/15)

A aceitação pela comunidade da inserção das comunidades negras dentro do museu, segundo Ávila foi unânime, foi um sinal de que os anseios da comunidade estão sendo respondidos de maneira positiva e integradora. Ela ainda acrescenta o seguinte:

A comunidade não participa porque ali só tinha as coisas dos franceses, e pelo nome dado ao museu, eles não entenderam a dinâmica que é, talvez se sentiram excluídos, mas eu acho que aos poucos isso está sendo mudado... pelo trabalho que tu fez de porta em porta conversando com eles, organizando eventos, eu acho que está visão esteja se desfazendo, embora precise ter continuidade, não pode para, eles ainda estão muito resistentes... (Ávila, Cristiane Bartz, 21/05/15)

O diálogo com a comunidade foi muito importante, saber os motivos que a afastam do museu é a única maneira de trabalharmos para reverter esse quadro e integrar todos os grupos na mesma instituição.

3.2.2 UMA NOVA EXPOSIÇÃO PARA O MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA

^{12*} Entrevista com a Professora Cristiane Bartz de Ávila, curadora da exposição “O Patrimônio Cultural Quilombola”, realizada no dia 21 de maio de 2015.

Analisando os resultados das entrevistas realizadas, a partir da História Oral, pretendemos apresentar discussões pertinentes para uma nova exposição no Museu da Colônia Francesa. Sugerir uma nova exposição não é tarefa fácil, pois trabalhando há três anos no Museu evidenciei a dificuldade de aproximação da comunidade junto à instituição de forma a desenvolver um trabalho interativo. A relação é sempre muito distante.

Uma exposição interessante seria sobre os usos da casa, intitulada, por exemplo, “O Prédio onde hoje é a sede do Museu da Colônia Francesa”. Contanto sua história a partir da sua criação em 1949, do seu período como Escola, até ser instituído como sede do museu.

Esta proposta poderia ser interessante se discutida na comunidade, ela mostraria todos os lados da história sobre o domínio do prédio, tanto pela comunidade religiosa, como pela comunidade de descendentes franceses e demais moradores da localidade.

Outra proposta expositiva possível seria sobre a formação da colônia, “O sétimo distrito”, de maneira cronológica poderíamos mostrar como começou a formação do distrito e suas transformações até os dias atuais. Dessa forma, vários grupos sociais poderiam estar, de alguma maneira, representados dentro do museu. Visto que, é possível perceber que todos os entrevistados reconhecem a importância do trabalho que vem sendo feito na instituição, reconhecem também a importância que tem um museu nesta localidade e consideram a importância da colonização francesa na região. No entanto, também querem o reconhecimento dos outros grupos que contribuíram para a formação desse distrito.

Sendo assim, a importância de uma expografia desenvolvida, em conjunto, com a comunidade seria um estímulo à interatividade, e a seleção de narrativas feitas por eles próprios traria novas descobertas, construindo assim novos conceitos dentro museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como finalidade analisar o Museu da Colônia Francesa em relação à sua comunidade. Para tanto, tomamos como base a hipótese de que existem interpretações subjetivas por parte de vários grupos étnicos dentro da comunidade, em relação ao museu. Neste sentido, e tendo como foco principal os moradores do sétimo distrito de Pelotas, Quilombo, buscamos identificar as razões que levaram esses grupos a se sentirem excluídos da instituição.

Para realização dessa pesquisa, foi feita uma análise bibliográfica e um levantamento de dados sobre os trabalhos feitos por outros pesquisadores sobre a instituição. Seguindo esta lógica, foram realizadas entrevistas com os moradores da localidade, privilegiando um representante de cada grupo étnico, residente da região. Além desses, também foram entrevistados outros colaboradores da instituição.

Após a análise, compreendemos que o principal problema que leva a comunidade a se sentir excluída do museu é o nome da instituição. Problema que surgiu, desde a criação do museu, já que a instituição nasceu do interesse de parte de um grupo de descendentes franceses que mora na comunidade. Eles queriam preservar a história da colonização francesa na localidade e atrair turistas para contribuir com o desenvolvimento da região.

A falta de diálogo com os outros grupos de descendentes da comunidade gerou uma ruptura entre eles, e parte da comunidade se sentiu excluída do processo de implantação do museu. Fato que gerou conflito entre eles, causando o afastamento de grande parte da comunidade que acredita que a instituição pertence a um único grupo de descendentes franceses e não a comunidade como um todo.

O uso do prédio onde está a instituição e o nome do museu aparecem de forma constante nas narrativas, como empecilho de aproximação entre comunidade e museu. O prédio porque era usado pela comunidade religiosa,

que desejava a implantação do museu em outro local, e o nome do museu que, para eles, se limita aos descendentes franceses.

O fato que levou o questionamento sobre inclusão é, na verdade, exclusão comunitária. Neste sentido, fomos em busca da razão dessa exclusão que através das narrativas dos moradores da localidade, é o problema do nome da instituição. Nesta mesma perspectiva, os moradores da comunidade sugerem algumas alternativas para uma possível integração dentro da instituição, dentre elas a principal é a troca do nome do museu e todos os entrevistados foram unânimes quando falaram que esta é a principal barreira existente para integração total da comunidade. Assim, eles sugerem nomes mais abrangentes, como: Museu da Colônia Santo Antônio, Museu da Colônia Vila Nova, Museu da Colonial do 7º Distrito Quilombo. Nomes mais abrangentes e que não remetam apenas aos descendentes franceses.

De certa forma, foi possível perceber que todos os entrevistados reconhecem a importância do trabalho que vem sendo feito na instituição, reconhecem, também, a importância que tem um museu nesta localidade e consideram a importância da colonização francesa na região. Contudo, eles querem o reconhecimento dos outros grupos que, igualmente, contribuíram para a formação desse distrito.

Por isso, destacamos a importância de uma expografia desenvolvida com a comunidade, servindo de estímulo à interatividade e a seleção de narrativas feitas por eles próprios, valorizando novas descobertas e construindo novos conceitos dentro instituição.

Este trabalho trás a versão da comunidade do 7º Distrito de Pelotas. Em anexo consta um relato da criação do Museu da Colônia francesa escrito por Leandro Ramos Betemps. Portanto considera-se que os dois lados estão aqui representados.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **Museus etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, número 31, p. 100-125, 2005.

ALFONSO, Louise Prado. **Arqueologia e Turismo: Sustentabilidade e inclusão social.** Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós – Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do Título de doutor em Arqueologia. São Paulo-SP, 2012.

ÁVILA, Cristiane Bartz de. **Entre esquecimentos e silêncios: Manuel Padeiro e a memória da escravidão no distrito de Quilombo, Pelotas, 2014. Dissertação** (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Curso de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas.

BACH, Alcir Nei. **O Patrimônio Industrial Rural: As Fábricas de Compotas de Pêssego em Pelotas -1950 à 1970.** 2009. Dissertação (Mestrado em memória Social e Patrimônio Cultural) – ICH/UFPEL

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos / Ecléia Bosi.**- 3.ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994. BRUNO, Maria Cristina Oliveira. ARAUJO, Marcelo Mattos. **Memórias do Pensamento Museológico Contemporâneo: Documentos e Depoimentos** – Comitê Brasileiro do ICOM, 1995

.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. ARAUJO, Marcelo Mattos. **Memórias do Pensamento Museológico Contemporâneo: Documentos e Depoimentos** – Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

BETEMPS, Leandro Ramos. **Vinhos e Doces ao som da Marselles: Um estudo sobre os 120 anos da Tradição Francesa na colônia de Santo Antônio em Pelotas.**

BETEMPS, Leandro Ramos. **A Colônia Francesa e Seus Acervos Culturais: Memória, História e Etnia.**

Declaração Americana dos Direitos e deveres do Homem – 1948.
<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OEAOrganiza%C3%A7%C3%A3o-dos-Estados-Americanos/declaracao-americana-dos-direitos-e-deveres-do-homem.html>

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **A função social dos museus.**
 In: Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, no9. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, junho/2007. p. 169-187

FLEMING, Sheila Bárbara Padilha. **Relações entre museu e comunidade- o estudo de caso do Museu da Colônia Francesa.** Monografia- Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

FUNARI, Pedro Paulo. **Desaparecimento e emergência dos grupos subordinados na Arqueologia brasileira.** Universidade Estadual de Campinas – Brasil

GRANDO, Marines Zandavalli. **Pequena Agricultura em Crise: O Caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul.** (Tese) Porto Alegre: Fundação de Economia Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1990.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Os usos culturais da cultura: Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais.** In: E. Yazigi. (Org.). Turismo, espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996, v., p.88-99.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Educação, memória e história de vida: usos da história oral.** História oral, Recife, v. 8, n. 1, p.92-106. Jan./jun. 2005.

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral: Possibilidades e Procedimentos / Sonia Maria de Freitas.** 2. Ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

ROCHA, Tatiana Caetano. **Estudo de público do Museu da Colônia Francesa: os que visitam e os que não visitam e suas razões.** 2013.

Monografia (Graduação em Bacharelado em Museologia) – Curso de Graduação em Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas.

SANTOS, Maria Célia Teixeira dos. **Reflexão sobre a nova museologia.** Texto escrito e apresentado como referencial para a aula ministrada no curso de especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, em 31 de agosto de 1999.

SARRAF, Viviane Panelli. **A Comunicação dos Sentidos nos Espaços Culturais Brasileiros:** estratégias de mediação e acessibilidade para as pessoas com deficiência. Doutorado em comunicação e semiótica, São Paulo, 2013.

SOUZA, Eliana Menezes de. **História Oral:** Conhecendo a comunidade em torno do Museu e Espaço Cultural da Colônia Francesa. XXII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas. 2013.

SOUZA, Eliana Menezes de. **Exposição e Ação Educativa no Museu da Colônia Francesa:** Em busca da interação cultural entre grupos étnicos de uma mesma região. Congresso de Extensão e Cultura memória de muitos tempos da Universidade Federal de Pelotas. 2014

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Políticas Públicas Culturais e Inclusão de Públicos Especiais em Museus.** São Paulo 2007.

SUANO, Marlene. **O que é Museu.** Editora Brasiliense S. A, 1996.

VARINE-BOHAN, Hugues. **A Respeito da Mesa Redonda de Santiago.** In: A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo - Documentos e Depoimentos. São Paulo: Comitê Nacional Brasileiro do ICOM. p. 17-19, 1995.

VARINE, Hugues de. **Repensando o conceito de Museu.** . In: GJESTRUM, John Aage; MAURE, Mare. Okosmuseumboka. Comitê nacional do ICOM para a Noruega: s/e. 1988. P.33-40.

CHAGAS, Mario. GOUVEIA, Ines. **Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)*.** Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41 - Museologia Social

MOUTINHO, Mário. **Museus e sociedade — reflexões sobre a função social dos museus.** MonteRedondo: s. ed., 1989. Cadernos do Patrimônio, 5.

APÊNDICES

1 Roteiro da entrevista Com a Cristiane Ávila

Nome:

Data:

Idade:

- 1- Cristiane você tem conhecimento de como surgiu a ideia do Museu da Colônia Francesa?
- 2- Quais as metodologias que foram usadas?
- 3- O Museu era um desejo da comunidade?
- 4- A comunidade em geral participou da implantação do museu?
- 5- Meu trabalho de Conclusão de Curso é sobre o Museu da Colônia Francesa, pode me falar um pouco da sua relação com a comunidade e com o museu?
- 6- Eu estou fazendo minha pesquisa baseada na história oral? Você acha uma fonte confiável?
- 7- Você acha o Museu importante para a comunidade?
- 8- E pra escola qual a importância do Museu?
- 9- Pra você o que leva uma comunidade se reconhecer ou não em uma casa de memórias? Porque a comunidade do sétimo distrito não se reconhece no museu?
- 10- Você acha possível inserir outras etnias dentro do Museu?
- 11- Qual a sua opinião a respeito do Museu hoje?

2 Roteiro de entrevistas

Daisy Dias da Silva , realizada em 17/05/2015

José Antonio Radman, realizada em 17/05/2015

Maria Elaine Crochemore Ribes, realizada em 24/04/2015

Paulo Gropelli, realizada em 24/04/2015

Luci Santos Bilhalva, realizada em 24/04/2015

- 1- Nome
- 2- Idade
- 3- Etnia
- 4- Você conhece o Museu da Colônia Francesa?
- 5- Como surgiu a ideia de museu?
- 6- Qual a sua opinião a respeito do Museu e porquê?
- 7- O que você acha da presença da Universidade dentro do Museu?
- 8- Na tua opinião o que leva uma comunidade a se sentir representada em uma casa de memória?
- 9- Essa comunidade (7º distrito) se sente representada aqui no Museu da Colônia Francesa?
- 10- Você tem alguma sugestão para que haja uma maior integração entre o museu e a comunidade?

4. Roteiro da entrevista Carla Gastaud (realizada em maio de 2014, Sheila Fleming)

- 1- Em que momento começou o seu envolvimento com o Museu da Colônia Francesa?
- 2- Qual a importância do trabalho dos professores e alunos no processo de criação e gestão do Museu?
- 3- Na sua opinião, Como a comunidade aceitou o museu?
- 4- Como você enxerga o trabalho do projeto junto a comunidade?

5. Roteiro da entrevista com padre Luis Capone (maio de 2014, Sheila Fleming)

- 1- O senhor nasceu na Colônia, qual a sua ligação com a Colônia?
- 2- Tratando da sua história com a Colônia, conhece os museus? E o da Colônia Francesa?
- 3- O que o senhor acha dos Museus? Por quê?
- 4- O que o senhor acha da presença da Universidade no Museu e por quê?
- 5- Como o senhor acha que a comunidade enxerga o projeto e o trabalho realizado no museu e porquê?
- 6- Possui alguma relação com o Museu da Colônia Francesa?
- 7- O que precisa melhorar no Museu?

6- Roteiro da entrevista com Fabio Vergara Cerqueira (maio de 2014, Sheila Fleming)

- 1- Como surgiu a ideia de criação de museus étnicos ?
- 2- E porque museus étnicos, e não de comunidade ou colônia?
- 3- Como se deu o processo de criação do Museu da Colônia Francesa?
- 4- Como a comunidade aceitou o museu?
- 5- Quem realmente teve envolvido nesse processo?
- 6- Porque o museu se encontra na Vila Nova e não na Colônia Francesa?
- 7- Qual a importância do trabalho dos alunos e bolsistas no processo de criação e gestão dos museus étnicos?
- 8- Depoimento de Leandro Ramos Betemps

Relato sobre a criação do Museu da Colônia Francesa

Leandro Ramos Betemps
Pelotas, 21 de abril de 2015.

Com este relato pretendo registrar os principais momentos que levaram à criação e à implantação do Museu da Colônia Francesa. Meu nome é Leandro Ramos Betemps, sou historiador, licenciado em História pela UFPel (1997), com especialização em patrimônio cultural e conservação de artefatos (2000), com especialização em formação do Rio Grande do Sul pela UCPel (2003) e mestrado em memória social pela UFPel (2009). Ao longo deste período publiquei artigos e livros sobre os franceses no município de Pelotas, entre outros: “A heroificação e o imaginário social na construção da identidade étnica”, “Vinhos e Doces ao Som da Marselhesa”, “Povoadores de Pelotas” e “A Presença Francesa no Sul do Brasil”.

Desde a graduação em História, concluída em 1997, meu tema predileto de pesquisa foram os franceses que viveram em Pelotas. Em 2003, apresentei as conclusões de uma pesquisa acadêmica comprovando a existência de um grupo étnico de origem francesa no município de Pelotas. Tal comprovação se deu a partir do conhecimento dos traços culturais utilizados pelos descendentes de famílias francesas. Até o momento, havia dois importantes trabalhos sobre os franceses em Pelotas escritos por Marinês Grando e por Luiza Pestano, ambos focando a economia e a história, respectivamente. O “Vinhos e Doces” veio tratar do tema sob o viés da etnicidade. O que possibilitou uma leitura mais ampla, aproximando da população e não apenas da comunidade acadêmica.

As frequentes pesquisas e visitas que realizei desde 1994 para investigar e levantar dados empíricos sobre os emigrantes foram movimentando as famílias de origem francesa em relação a suas memórias. Aos poucos, a comunidade étnica foi sentindo necessidade de celebrar essa memória. Um fato marcante foi a publicação da monografia “Vinhos e Doces” que em seus anexos, trouxe a público a genealogia das famílias fundadoras da Colônia Francesa em Pelotas. Isso gerou muito interesse dos descendentes e o reconhecimento de pertencimento a um mesmo grupo étnico.

A partir da minha constatação durante o contato com as famílias e de uma partilha com o professor Dr. Fábio Vergara Cerqueira, a ideia do Museu começou a ser delimitada. O Professor Fábio, da UFPel, vinha trabalhando com etnias e povoamento de Pelotas desde 2000, a partir de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL). O

projeto tinha como objetivo investigar a trajetória da imigração italiana em Pelotas, entre os alunos envolvidos estavam os historiadores Luciana Peixoto e Cristiano Gehrke. Após cedência de um prédio pela Prefeitura, o Museu Etnográfico da Colônia Maciel pode ser inaugurado em 04/06/2006.

Outro incentivo para a criação do Museu da Colônia Francesa foi a existência do Museu Grupelli, criado por esta família em 1988 em um prédio antigo onde funcionava a adega da família, junto de sua pousada e demais propriedades na Colônia Municipal, a beira do arroio Quilombo, limite entre os Distritos do Quilombo e da Colônia Maciel. O objetivo da família e voluntários era de guardar e expor objetos típicos da zona rural de Pelotas e de seus colonizadores italianos, alemães e franceses. Sim, havia objetos de famílias francesas, também expostos neste museu, alguns doados pelos Crochemore. O Museu Grupelli ganhou mais visibilidade a partir de um trabalho voluntário feito pela professora Margareth Acosta Vieira.

Por essa época, um grupo de professores da UFPel começou a desenvolver a proposta da criação de museus tendo em vista a futura implantação de um Curso em Museologia, o que de fato ocorreu em 2006. Na época, o Professor Fábio era diretor do Instituto de Ciências Humanas (entre 2002-2010), coordenador do Curso de História (2000-2002) e coordenador do Laboratório de Antropologia e Arqueologia (2001-2012).

Por volta de 2004, partilhei com ele minhas pesquisas e a ideia de um espaço de memória para a etnia francesa e ele concordou. As conversas seguiram envolvendo o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL) e a ONG Instituto de Memória e Patrimônio (IMP), de Pelotas. Os trabalhos passaram a andar em paralelo com meu curso de mestrado.

Em 02/08/2005, o adido cultural da Embaixada da França em São Paulo, Jean Yves Mérian esteve em Pelotas para lançamento do livro “Cartas/Lettres”, de Ignácio de Loyola Brandão, com desenhos de Alfredo Aquino e tradução do Mérian, publicado pela Editora Iluminuras em 2005. Essa visita movimentou a comunidade na Vila Nova, professores da UFPel, a prefeitura Municipal e descendentes de franceses em Pelotas.

Para o Museu da Colônia Francesa, o ano importante foi 2005. É quando a ideia da criação do Museu da Colônia Francesa em Pelotas fica delimitada. Optou-se que Museu estaria voltado à *valorização da cultura étnica francesa e ao desenvolvimento da população e do espaço* onde este grupo étnico esteve inserido originalmente, ou seja, na Colônia Santo Antônio e adjacências.

Em 14/12/2006, o então Prefeito Adolfo Fetter Júnior assinou a cedência à UFPEL, de um imóvel destinado ao *Museu* e em 14/07/2007, numa cerimônia ocorrida nos pavilhões da FENADOCE, tem-se o ato de fundação do Museu e o recebimento da primeira doação para o acervo. Mensagens de incentivo foram enviadas por email, pelo Sr. Christophe Benest, da Aliança Francesa de Porto Alegre, pelo Sr. Ronner Guerra Fabris, Cônsul Honorário da França em Porto Alegre, e pela Sra. Erica Kriger, em nome de Jean-Marc Gravier, Cônsul Geral da França em São Paulo.

Entre 14 e 18 de maio de 2007, eu já participava do Sistema Municipal de Museus de Pelotas e organizamos uma mostra coletiva de banners dos

museus de Pelotas. O Museu da Etnia francesa participou com um banner, divulgando o projeto. A mostra aconteceu no hall da Prefeitura Municipal tendo como um dos objetivos marcar a passagem da Semana dos Museus. O Museu da Etnia fazia parte do Sistema Municipal de Museus de Pelotas, e eu era o representante. Participamos também de outras mostras de divulgação do Museu como na Fenadoce em 2007 e 2008, na Feira do Livro de Pelotas de 2007, e em dois eventos do Fala Pelotas, uma programa realizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas, um na Vila Nova e outro no Rincão da Cruz. O Museu estava no folder publicado pela Prefeitura Municipal com o objetivo de divulgar todos os museus e projetos museológicos de Pelotas.

Em 14/01/2008, eu tive oportunidade de realizar a conferência “*Une implantation haut-alpine au Brésil, la colonie française Santo Antonio de Pelotas*” na Société d'Études des Hautes-Alpes, na cidade de Gap, na França. Em setembro de 2010, no Seminário de Hotelaria e Gastronomia na Costa Doce, falei sobre a influência dos franceses na gastronomia pelotense. Em abril de 2012, tive a oportunidade de participar da comitiva do Vice-Prefeito Fabrício Tavares em visita a França e Portugal, para divulgar aos 200 anos de Pelotas às cidades amigas. Neste momento realizei, na cidade de Angoulême, a conferência “*Pelotas à la reencontre de ses racines en Charente*”, falando sobre a relação de Pelotas com os franceses daquela região da França. Em setembro de 2012, falei sobre os franceses de Pelotas na Semana do Turismo, no SENAC. Em setembro de 2013, enviei texto para apresentação da Colônia Francesa de Pelotas em Seminário de História, na cidade francesa de La Rochele, organizado pelo estudante francês Gregory Corps.

Em relação à implantação efetiva do Museu, inicialmente, a Prefeitura Municipal, na pessoa do Prefeito Adolfo Fetter Júnior que apoiou o projeto, ofereceu um prédio construído no início do século XX para servir de cadeia distrital e que serviu também para administração do distrito. O prédio fica numa praça, próximo ao antigo prédio dos Bachini, onde também funcionou a Sociedade Bailante União Camponesa, criada pelos franceses e demais famílias de imigrantes. O prédio possuía muitos significados históricos para a comunidade, assim como seu entorno, sendo apropriado para a implantação do Museu.

Universidade, Prefeitura Municipal e voluntários iniciaram o projeto, porém o prédio necessitava de muito investimento para reforma, o que não era viável no momento. Outros prédios foram cogitados, entre eles uma sala do antigo prédio dos Bachini, uma sala na Fábrica dos Crochemore na Vila Nova, uma casa próximo ao Cemitério dos franceses, ou uma das casas existentes junto ao obelisco dos franceses na Colônia Francesa. Por motivo ou outro, nenhuma das opções vigorou e a escolha se deu pelo prédio da antiga escola Professor José Domingues, na Vila Nova, em frente à Capela de São Pedro. Esse prédio fica a menos de 3 quilômetros do prédio antigo. A vantagem é de que fica na Vila Nova, local mais urbanizado, próximo de parada de ônibus, da escola, da fábrica dos Crochemore, de mercado, da Igreja, de posto de saúde, de lancheria... Isso auxiliaria a logística para os bolsistas e se pensava que seria melhor para novas parcerias. Um abaixo-assinado dos moradores dessas localidades consentiu na mudança do projeto para o prédio da Vila Nova e se iniciou o processo de troca junto à Prefeitura Municipal.

Esse terreno foi doado em 22/01/1947, pelo casal Afonso Elizeu Crochemore, para a Prefeitura Municipal, para que ali fosse construída uma escola, como de fato aconteceu. Em 1980, no centenário da Colônia Francesa, arrecadou-se dinheiro para a construção de nova escola, sendo transferida a escola e mudando seu nome para Nestor Eliseu Crochemore, como de fato também aconteceu. Com a transferência da escola, o prédio ficou para uso comum dos moradores. Por alguns anos, na década de 1980, uma comunidade de religiosas da Igreja Católica morou no local. Depois, ali também ocorreram velórios, reuniões de moradores, aulas de catequese, convívio de idosos, pessoas carentes guardaram pertences no prédio, e até massagens eram ministradas.

O conceito de “Espaço cultural” foi uma proposta que fiz desde o início do projeto. A ideia era de ser um espaço que além de servir de museu, pudesse ser um ponto de referencia para toda a localidade, um lugar onde pudessem se encontrar e reforçar a ideia de comunidade. Seria um local para encontro, por exemplo, com os técnicos da Emater, para formação com palestras das universidades para os moradores, um local que pudesse abrigar o posto dos Correios, que a Igreja e catequistas pudessem se reunir, que pudesse ali funcionar uma mesa eleitoral, etc... Ou seja, a ideia de que o local continuasse a ser um ponto de referência da comunidade. Assim, pensávamos que o Museu pudesse ser envolvido pela comunidade e reconhecido mais facilmente como algo deles e para eles. Mas, essa ideia não ficou clara, e acabou não acontecendo.

Com o registro do museu como um projeto de extensão da UFPel, foi possível conseguir bolsistas para abrir o museu e realizar alguns trabalhos no sentido de organizar acervo, realizar pesquisas e divulgação. Uma das primeiras bolsistas foi Andreia Rodriguez, do Curso de Museologia. Até o momento não se havia conseguido realizar pesquisa de campo no sentido de constituir acervo para o Museu.

Essa pesquisa de campo ficou de ser realizada pelos bolsistas do projeto que acabaram nunca tendo condições de fazê-la. Ora pelo tempo que ficavam no museu, só iam aos domingos e deviam ficar com o museu aberto, sem poder realizar visitas pela Colônia. Eles não tinham como ir durante a semana, não tinham transporte para levá-los, também não tinham um programa definido do que iriam fazer. Outro problema era que mesmo que algumas pessoas oferecessem doações, não havia local seguro para receber e armazená-las. Na medida do possível foram registradas pelos bolsistas do projeto (na maioria alunos dos cursos de Museologia e História da UFPel). Na maioria das vezes, se optou fazer o registro da oferta, uma breve descrição da peça, contatos com o ofertante, e se possível um foto. A preocupação era de aceitar os objetos e correr o risco de extraviá-los, uma vez que não se tinha espaço físico para reserva técnica ou armazenamento seguro e adequado. Com a troca de prédio, questões políticas arrastaram por anos a ocupação efetiva do novo prédio. A regularização somente aconteceu por insistência e persistência do Sr. Gilberto Ebersol. Muitas famílias da Vila Nova, Colônia Santo Antônio, Rincão do Andrade e adjacências apoiaram o projeto e incentivaram a equipe.

No ano de 2008, o Professor Fábio sugeriu que fosse criado um Circuito de Museus Étnicos na região colonial de Pelotas. Sua ideia era de que os turistas e visitantes pudessem usufruir de um roteiro de visita em diversas localidades na zona rural. Dessa forma, haveria uma rede de museus que privilegiariam determinadas etnias em diferentes locais, abrangendo a riqueza étnica do município e contemplando a todos. Os italianos com o Museu da Maciel e dos Grupelli, os franceses com o Museu na Vila Nova, depois se cogitava a criação de um museu para alemães em Morro Redondo, um para pomeranos em Santa Silvana, um para irlandeses e ingleses em Monte Bonito, e quem sabe até um para espanhóis e japoneses. Isso dependeria de pesquisas e trabalhos acadêmicos que fossem realizados para essas e outras etnias. O projeto era ambicioso, mas traria uma movimentação turística para a colônia de Pelotas. Infelizmente, com a saída do Professor Fábio dos cargos que ocupava junto a UFPel, e seu afastamento para estudos na Europa, acabaram impossibilitando o avanço efetivo do projeto, que acabou adormecendo entre as questões políticas.

Uma ideia que eu tive para alavancar a inserção do museu como um local de oportunidades para os moradores da comunidade, foi de criar projetos de geminação de Pelotas com alguma cidade francesa. Entre as cidades que fiz contatos e propostas mais ou menos oficiais foram feitas esteve Langeais, Montlouis sur Loire, Angoulême, Puymoyen, Gap e Champoléon. Embora tivessem interesse em criar projetos em comum, as tratativas acabaram esfriando por questões de interesse político e de desenvolvimento econômico. Uma das questões apontadas pelas cidades francesas era de que o Museu não era pessoa jurídica, sendo por isso, incapaz de receber doações em dinheiro. Organizações francesas que poderiam contribuir financeiramente, não queriam ou podiam fazer doações para pessoas físicas, somente para alguma associação, ONG ou entidade jurídica, legalmente estabelecida no Brasil. Não se conseguiu avançar quanto a isso, embora, houve tentativas de reunir interessados ou até mesmo de propor um convênio com uma associação de moradores já existente na Vila Nova.

Em 20/09/2008, organizei uma exposição de fotografias em comemoração aos 128 anos de fundação da Colônia Francesa. A exposição ocorreu no novo prédio que serviria de museu, na futura sala de exposições, que se encontrava praticamente vazia. Embora tenha recebido público, as pessoas vinham em horários diferentes e assistiam a apresentação das fotos que eram projetadas em telão por meio de um Datashow. Os comentários da comunidade da Vila Nova foram positivos, porém queriam que as coisas andassem mais rápido. Porém, ainda continuávamos sem definição sobre a cedência do novo prédio, embora já o estivéssemos utilizando.

Eu seguia envolvido com o curso de mestrado e em maio de 2009 apresentei minha dissertação de mestrado, a partir de pesquisa sobre a relação entre a memória do grupo étnico e os suportes de memória utilizados pelos descendentes. Esse trabalho possibilitou o surgimento de um inventário do acervo cultural, que poderia servir de núcleo para a organização museológica do projeto, tendo a frente o Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira. Surgiram algumas opções de exposições: de objetos do clube de futebol do Cruzeiro (junto ao prédio dos Bachini, já propriedade do Sr. Getúlio), ou de buscar

refazer a exposição de objetos dos imigrantes franceses que foram expostos nos festejos do centenário em 1980, ou de objetos dos atuais moradores das comunidades para assim envolver os moradores das comunidades vizinhas com o Museu.

No dia 04/07/2009, como parte das comemorações da Semana de Pelotas, do ano França Brasil e da proximidade da data comemorativa francesa do 14 de Julho, o poder público municipal promoveu a entrega solene do prédio para a instalação do Museu que foi aberto ao público com sua primeira exposição. Essa exposição apresentava objetos relacionados à fabricação de doces e vinhos, além de reproduções de fotos antigas. Essa exposição foi realizada às pressas, pois não tendo acervo e não tendo conseguido negociar o empréstimo de peças pela comunidade, a opção foi expor reproduções de fotos do acervo do Sr. Lino Ribes e utilizar objetos dos acervos dos museus da Maciel e do Grupelli. As fotos utilizadas para reprodução faziam parte de meu acervo pessoal, ou em sua maioria eram de álbuns do Sr. Lino que foram escaneados por bolsistas do museu com autorização de familiares do Sr. Lino, que guardam o acervo. Esse trabalho de escaneamento foi realizado pelos estudantes Antônio Vergara e Paulo Faber em setembro de 2008.

Um conceito, definido desde o início, foi de que o “Museu e Espaço da Etnia Francesa em Pelotas” pudesse representar os descendentes de famílias francesas não só da zona rural, mas também dos franceses que viveram na cidade de Pelotas. Eu criei um logo com o obelisco, tentando torná-lo um ícone da etnia. Era intenção de que o Museu representasse a etnia, não a comunidade em si. Isso para reforçar a ideia de circuito étnico de museus e oferecer um atrativo turístico diferencial para que a comunidade o utilizasse como bem cultural que pudesse ajudar no desenvolvimento econômico da localidade. A expectativa era de que surgissem restaurantes, lancherias, pousadas ou outros atrativos próximos à Vila Nova.



Figura – primeira logomarca do Museu criado por mim em 2006.

Eu participei de um Encontro de Museus Comunitários, realizado pela UFPel, onde expliquei que o Museu da Etnia Francesa não era para ser comunitário no sentido de representar a comunidade do entorno, mas ser comunitário no sentido de que a comunidade fizesse uso dele para desenvolver a si própria e a localidade entorno do museu. Tipologicamente, o museu foi inicialmente pensado em ser mais histórico, para representar a contribuição de um grupo étnico em determinado período da história pelotense. Contaria a

história da Colônia Francesa de Santo Antônio foi fundada em 1880 por 50 famílias de regiões diferentes da França, a 35 km da cidade de Pelotas, na Serra dos Tapes. Contaria que estes imigrantes foram os primeiros a pensarem um produto para o mercado e não apenas para autoconsumo, como fizeram os outros imigrantes em Pelotas. Contaria que os franceses na Colônia Santo Antônio produziram alfafa, depois uva e por fim o pêssego. Contaria que foi a valorização de um *traço típico* de sua cultura (vinho e compota) que surgiu o legado mais importante do grupo étnico. Que seguindo os passos do francês Amadeu Gastal, que fez a primeira compota de pêssegos na região, no ano de 1878, os franceses de Santo Antônio e seus descendentes fundaram as *primeiras fábricas artesanais* de vinhos, doces e conservas que deram origem às agroindústrias alimentícias de Pelotas na década de 1960. Influenciando até mesmo a tradição dos doces pelotenses e da Fenadoce. O Museu busca preservar essa cultura étnica e o legado dos franceses, que primeiro produziram compotas e doces cristalizados, que por sua durabilidade, eram levados para outros lugares, trazendo a fama de terra doceira à Pelotas. Esse era o principal motivo do museu, a contribuição dos franceses para Pelotas como um todo. Não houve o interesse de focar as famílias francesas por elas mesmas, nem de focar as atuais famílias e moradores da Vila Nova ou da Colônia Santo Antônio, o foco era o legado dos franceses e daquela região para toda a zona rural e o município de Pelotas.

Essa ideia acabou sendo mal conduzida e interpretada pela comunidade e até mesmo pelos envolvidos pelo projeto. Hoje percebo melhor os equívocos que fizemos.

Porém, imbuídos pelo espírito de colaboração, que envolveu pesquisadores, comunidade, instituições e poder público, trabalhou-se pelo Museu como um espaço cultural. Além de famílias de origem francesa, outras famílias, de origens italiana, alemã, portuguesa e espanhola, também apoiavam o projeto por reconhecerem a influência histórica francesa na valorização de toda a comunidade e região. Da mesma forma, contava com o apoio dos pelotenses da cidade para aumentar e valorizar o acervo a ser constituído. Na Vila Nova, entre as principais famílias apoiadoras, sempre estiveram os Crochemore e os Ribes. Mas também, a direção da Escola Nestor Crochemore, o pároco, a responsável pelo Cemitério dos Franceses e outras lideranças locais.

Com o afastamento do Professor Fábio, a Professora Carla Rodrigues Gastaud assumiu a coordenação do projeto, articulação dos bolsistas e organização expográfica. Mas, importante presença foi a do Professor Gilberto Ebersol, voluntário que realizou diversos almoços e jantares no sentido de divulgar o projeto, envolver pessoas e arrecadar fundos para as reformas que o prédio precisava para que pudesse funcionar. Entre as primeiras necessidades do prédio estavam: conserto do telhado, alpendre, reforma de portas e janelas, instalação hidráulica, construção de banheiro e acesso ao museu que era dificuldade pelo barro gerado em dias de chuva. Os eventos realizados por Ebersol foram: o primeiro jantar em 28/07/2010 no salão da Associação Cultural Italiana de Pelotas. Em março de 2013, Gilberto aplicou o dinheiro arrecadado no jantar de 05/09/2012 para instalar na estrada uma segunda placa indicativa do museu, a primeira, foi colocada em novembro de 2012, na

frente do museu. Depois em 04/09/2013 e 04/09/2014, outros jantares, todos na Associação Italiana. O dinheiro sempre foi aplicado em melhorias no prédio ou na divulgação do projeto.

O museu sempre tentou ser um ponto de contribuição para o crescimento econômico da colônia, auxiliando com o avanço turístico através da história dos franceses na região. Entre as famílias que originaram a localidade no século XIX, estavam: Arbes, Beauvalet, Bertholon, Betemps, Bichet, Capdeboscq, Carret, Charnaud, Charrois, Chollet, Colomby, Conte, Cousen, Crochemore, Ebersol, Escallier, Fouchy, Fournier, Fuzeri, Gaume, Gerard, Giroux, Guiot, Jacquôt, Jougard, Lahude, Lardot, Laurant, Leroy, Lesauvage, Lhomme, Longchamp, Magallon, Martin, Ney, Palavet, Pastorello, Petit, Raffy, Ribes, Steinle, Thoreux e Wahast.

A presença dos franceses em Pelotas tornou esta, a única colônia agrícola do Rio Grande do Sul que manteve sua existência. Sua contribuição foi para o crescimento da economia agroindustrial e para o reconhecimento de Pelotas como “a capital nacional do doce”. Era esse tema que se buscava divulgar e atrair olhares para Pelotas. Isso funcionou para pessoas de fora de Pelotas, mas não para os pelotenses, e principalmente, para os moradores da zona rural.

O que se percebeu como tempo, foi que os moradores próximos ao Museu não o frequentavam, nem tinham interesse pelo Museu. Os interessados no Museu eram pessoas de fora da cidade, até mesmo franceses de passagem por Pelotas e região, que vinham conhecer essa história de seus compatriotas em solo brasileiro. Porém, estes quando chegavam ao local, não encontravam nenhum outro atrativo turístico. Não havia onde fazer refeições (a Cantina Ribes funcionou em apenas um período), não havia outros passeios a fazer, não tinha casas em pedra, lavouras ou fábricas para visitar, não havia doces para comprar, não havia nenhuma camiseta, livros, cartões postais ou qualquer outro objeto que pudesse ser usado como lembrança turística a ser comprada como souvenir da viagem ao interior de Pelotas.

Em julho de 2013, o Prof. Fábio e eu participamos do documentário Sal e Doce, que realizou filmagens na colônia de Pelotas. O trabalho gerou certa divulgação do Museu e do projeto étnico de museus na Serra dos Tapes, divulgando a contribuição dos franceses para a fama doceira de Pelotas. Outras reportagens e filmagens ocorreram, antes e depois desta. Participei na maioria delas em outras o Gilberto Ebersol participou, mas sempre tentamos estar presente e divulgar a projeto do Museu promovendo o turismo na Vila Nova e zona rural de Pelotas. Uma importante divulgação que participei, foi a que recebemos ao participarmos do episódio sobre franceses e suíços, na série Mundo Grande do Sul, realizado pela RBSTV e TVCOM, dirigido pelo Baroni. Na época destas gravações, ainda era vivo o Sr. Lino, tornando o trabalho como de referência. Em 2014, o Gilberto Ebersol e a estudante de Museologia e bolsista do projeto, Eliana Souza, participaram do vídeo realizado por Janaína Nazari Gomes sobre francofonia em Pelotas.

A impressão que tenho é de que a comunidade local parece ter se acomodado em viver sem perspectivas envolvendo o Museu. Um dos fatores que percebo como negativo para esse envolvimento com a comunidade foi a propaganda negativa de algumas pessoas influentes. Como alguns utilizavam o

prédio para seus trabalhos e atividades de forma específica, sentiram-se como que preteridos do uso do prédio, ou seja, entenderam que o projeto do Museu tinha subtraído deles o direito de uso do prédio. Alguns comentários que ouvi foram de que “roubaram o prédio de nós”, que “esse museu não me representa”. Houve uma propaganda negativa devido a percepção errada por parte destas pessoas que se sentiram excluídas, isso fez com que outros moradores não quisessem saber do museu. Diversas atividades e tentativas foram realizadas no sentido de dirimir essa interpretação e de envolver ou aproximar o museu dos moradores. Mas, nenhuma resultou de forma positiva e eficiente. Percebo também que em alguns casos houve erro da parte do comitê que dirigiu o museu, quando, por exemplo, marcamos uma reunião com os moradores e não comparecemos por falta de comunicação. Pela dificuldade por estar mais presente na comunidade da Vila Nova, se deixou muito espaço para conversas equivocadas e entendimentos paralelos, que dificultaram o trabalho.

Para tentar resolver isso, foi trocado o nome de “Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas” passou a “Museu da Colônia Francesa de Pelotas”. Mas isso também parece não ter modificado a visão que a comunidade tem do Museu. Algumas outras ideias para o futuro do Museu foram repassadas para o Professor Fábio que retornou a coordenação do Museu em junho de 2015. Eu, particularmente, penso em pelo menos duas opções: uma delas seria a municipalização através da unificação dos museus coloniais existentes, possibilitando o surgimento de um Museu das Colônias de Pelotas e criando novas unidades expográficas, preferencialmente, uma em cada distrito do município. Isso poderia ajudar para que as comunidades se vissem representadas em diferentes museus, sejam eles etnográficos, étnicos, históricos ou comunitários. Outra opção seria alterar o nome para “Museu da Presença Francesa em Pelotas” e transferi-lo para a cidade de Pelotas. O local, hoje utilizado na Vila Nova, poderia continuar abrigando um museu, e poderia ser criado o Museu do Distrito do Quilombo. Entre estas, outras opções melhores podem surgir, contribuindo com a cultura rural e o patrimônio étnico em nosso município.

Durante todo esse tempo de abertura do Museu, bolsistas do projeto abrem o museu para visita regular aos domingos. O Museu tem contado com a ajuda da comunidade e benfeitores com apoio financeiro e material para as pequenas reformas, adaptações e manutenção do prédio. Para ajudar na divulgação, algumas bolsistas criaram um perfil e página no facebook “[MuseuDaColoniaFrancesa](#)” que conta com diversos seguidores. Alunos e professores do Curso de Francês, da UFPel também sempre apoiaram o Museu e participam com frequência dos eventos propostos.

Embora localizado na zona rural, o Museu se destina a valorizar toda a presença e legado dos franceses que se localizaram no município de Pelotas e região. Uma contribuição recente e importante foi a visita da historiadora Mônica Corrêa, representante do projeto “Memória da Aéropostale - Raide Latécoère” em maio de 2014. O objetivo do projeto é promover a investigação de vestígios da passagem da antiga Aéropostale pelas cidades que faziam parte da rota da aviação francesa e futuramente propor o tombamento pela Unesco como patrimônio universal. Inicialmente, a exposição “Das linhas

"Latécoère à Aéropostale" foi instalada no Mercado Público de Pelotas e ficou aberta à visitação do público por dois meses e no dia 06/06/2014 foi transferida e inaugurada nas dependências do Museu da Colônia Francesa. Nessa nova etapa a exposição pretendeu atrair o público das escolas e desenvolver atividades de educação patrimonial unindo o Museu da Colônia Francesa com a passagem dos aviadores franceses por Pelotas.

Outra exposição inaugurada nesse momento foi a que se refere à presença da etnia negra no Distrito do Quilombo, a partir da pesquisa da Professora Cristiane Ávila.

Entre as últimas iniciativas realizadas pelos amigos do Museu da Colônia Francesa, juntamente com a equipe coordenadora do projeto, vinculada à UFPel, foi a de festejar os 7 anos de fundação do Museu e 5 anos de abertura ao público. A comemoração ocorreu em 06/07/2014. Contou com a presença da Vice-Prefeita Professora Paula Mascarenhas durante uma cerimônia que homenageou 7 descendentes de famílias de origem francesa que auxiliaram na implantação do Museu, durante estes 7 anos. Os homenageados foram: Edithe Beatriz Fouchy Jouglard, Celina Fouchy Longchamp, Nelson Antônio Crochemore, Ayrton Lino Ribes, Olmar Wahast, Sidney Charnaud Betemps e Gilberto Luiz de Castro Ebersol.

Para finalizar essa memória, registro meu desejo de que a contribuição dos franceses para a formação de Pelotas e do pelotense não seja esquecida. E que a riqueza cultural e histórica dadas pelas diversas etnias que nos geram, possam ser mais bem investigadas e trazidas à luz.

